ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO COM SÍNDROME DE ASPERGER RELATO DE EXPERIÊNCIAS NA DUPLA EXCEPCIONALIDADE

Ricardo Moreira dos Santos
Cristina Maria Carvalho Delou

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

RICARDO MOREIRA DOS SANTOS
CRISTINA MARIA CARVALHO DELOU

Revisão técnica
BLANCHE FERREIRA DE CARVALHAES PINHEIRO

ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO COM SÍNDROME DE ASPERGER: RELATO DE
EXPERIÊNCIAS NA DUPLA EXCEPCIONALIDADE

1ª ed.

Editora Conhecimento Livre
Piracanjuba-GO

1ª ed.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SANTOS, RICARDO MOREIRA DOS
S237A ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO COM SÍNDROME DE ASPERGER:
RELATO DE EXPERIÊNCIAS NA DUPLA EXCEPCIONALIDADE
/ RICARDO MOREIRA DOS SANTOS. CRISTINA MARIA CARVALHO DELOU.
BLANCHE FERREIRA DE CARVALHAES PINHEIRO (revisora) – Piracanjuba-GO

Editora Conhecimento Livre, 2022

68 f.: il

DOI: 10.37423/2022.edcl425

ISBN: 978-65-5367-044-0

Modo de acesso: World Wide Web

Incluir Bibliografia

1. transtorno-do-espectro-autista 2. paaah/sd-uff 3. inclusão 4. aluno--autista I. SANTOS,
RICARDO MOREIRA DOS II. DELOU, CRISTINA MARIA CARVALHO III. Título

CDU: 370

<https://doi.org/10.37423/2022.edcl425>

O conteúdo dos artigos e sua correção ortográfica são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Corpo Editorial

Dr. João Luís Ribeiro Ulhôa

Dra. Eyde Cristianne Saraiva-Bonatto

MSc. Frederico Celestino Barbosa

MSc. Carlos Eduardo de Oliveira Gontijo

MSc. Plínio Ferreira Pires

Editora Conhecimento Livre

Piracanjuba-GO

2022

10.37423/2022.edcl425

Dedico este trabalho à minha mãe Georgina Moreira, ao meu irmão Robson Moreira e à minha irmã Nadjá Naira Moreira Pereira Retta pelo apoio prestado durante a trajetória.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Fluminense, através de seu corpo docente e colegas de curso pela oportunidade de conhecer novas pessoas e evoluir em busca de novos conhecimentos.

À orientadora, Professora Dra. Cristina Maria Carvalho Delou pelo apoio, incentivo, acompanhamento desde o período de entrada no Programa de Atendimento a alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Agradecemos também pelas correções necessárias.

À banca avaliadora constituída pelas Dras. Diana Negrão Cavalcanti, Edicléa Mascarenhas Fernandes e pelo Dr. Eugenio Cunha.

À revisora, Professora Neuza Rejane Wille Lima, pelo incentivo e orientações.

Aos meus amigos e colegas do Curso Profissional de Mestrado de Diversidade e Inclusão.

À minha mãe Georgina pelo acompanhamento durante toda a vida do autor e apoio incondicional.

PREFÁCIO

Quando eu recebi Ricardo no Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação, da Universidade Federal Fluminense (UFF), não imaginava o que estava por vir na minha vida profissional e pessoal. Era a primeira vez que eu recebia uma pessoa adulta indicada para avaliação de Superdotação, que no decorrer da entrevista revelou possuir diagnóstico prévio de Autismo, mais bem caracterizado com a descrição da Síndrome de Asperger, um irmão gêmeo, com os mesmos interesses e potencialidades alfanuméricas, perfil psicológico próprio, único, singular.

Compartilhamos inúmeras experiências, brevemente relatadas neste e-book que visa atender à exigência para conclusão do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI), do Instituto de Biologia da UFF. Sim, Ricardo chegou ainda estudante do Ensino Médio e entrega este produto como Mestre em Diversidade e Inclusão.

É possível! Acredite! Sua mãe investiu no desenvolvimento infantil e juvenil de seus filhos autistas. Ofereceu escola especial, escola comum, terapias, convivência familiar e deu autonomia aos dois meninos que andavam a pé, pelas ruas da cidade, em busca de novas informações alfanuméricas nos ônibus urbanos e intermunicipais objeto de seus interesses.

As aprendizagens foram reais, de qualidade. Ricardo realizou dois cursos de graduação: Arquivologia e Biblioteconomia e Documentação. Se relacionou com os colegas. Viajou com eles. Apresentou trabalhos em grupo. Recebeu adequações pedagógicas organizadas por professores atentos à inclusão, mas também passou por situações desafiadoras pela incompreensão de sua presença na universidade. Teve o apoio integral da Coordenação dos Cursos, que não mediu esforços para favorecer a conclusão de cada curso.

Muito do sucesso alcançado se deu em função do trabalho realizado com professores, técnico-administrativos e estudantes a partir do projeto aprovado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), intitulado “Tutoria Pedagógica à Comunidade Acadêmica - alternativa para inclusão universitária de aluno com necessidades educacionais especiais?”. O objetivo geral da pesquisa foi "estudar a inclusão escolar universitária, através da metodologia de tutoria pedagógica à comunidade acadêmica, pressupondo mudanças escolares e sociais para entender o aluno com necessidades educacionais especiais, ajudando-o a funcionar satisfatoriamente no ambiente sociocultural universitário”.

Em suas considerações finais, a pesquisa mostrou que a tutoria acadêmica atendeu aos interesses e necessidades de conhecimento sobre questões da inclusão em foco; o acompanhamento sistemático auxiliou na ruptura do desconhecimento sobre sujeitos singulares; foi possível pensar práticas de avaliação inclusiva para o sucesso escolar no ensino superior; constatou-se mudanças nas relações sociais que favoreceram nova autoimagem no sujeito, mudando sua relação com a sociedade e descrystalizando condutas sociais.

A pesquisa abriu portas para o futuro. Alterou a autoestima de Ricardo que se sentiu acolhido na UFF. No dia de sua primeira formatura, ao término da primeira graduação, a coordenação do curso fez um convite a todos os alunos para que pedissem reingresso para realizarem a segunda graduação. Se as vivências acadêmicas no ensino superior tivessem sido traumatizantes, certamente, ele não teria aceitado o convite. Aceitou e concluiu o segundo curso. Abriu mais uma porta acadêmica, a da pós-graduação stricto-sensu, para a realização do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão.

No dia 17 de dezembro de 2021, Ricardo foi avaliado pela seguinte Banca Examinadora: Profa. Dra. Cristina Maria Carvalho Delou – Presidente da Banca e Orientadora da dissertação; Profa. Dra. Diana Negrão Cavalcanti – Coordenadora do CMPDI-UFF; Profa. Dra. Ediclêa Mascarenhas Fernandes – Professora da UERJ e do CMPDI-UFF; Prof. Dr. Eugenio Cunha – Docente da Faculdade Cenecista de Itaboraí e da Profa. Dra. Neuza Rejane Wille Lima – Professora do CMPDI-UFF, Revisora/Suplente da Banca Examinadora.

A aprovação se deu por unanimidade. A pandemia causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2) deixou todo o mundo acadêmico em atividades remotas, e nos levou a reconsiderar o projeto inicial, bem mais ambicioso em relação aos objetivos estabelecidos. De uma pesquisa-ação que visava investigar o ambiente onde ele trabalha, passamos à apresentação escrita de um Relato de Experiência com a sua peculiaridade autista de não utilizar os pronomes pessoais na primeira e terceira pessoas do singular.

Ricardo trouxe, então, um desafio acadêmico: o número insignificante de pesquisas com pessoas autistas adultas. Ele mesmo apontou para o paradoxo encontrado: poucos pesquisadores consideram que as crianças autistas crescem e, como todo adulto, apresentam idiossincrasias. Seu texto é crítico, mas não a crítica reproduzida dos textos acadêmicos lidos que refletem ideias filosóficas ou políticas. Sua crítica reflete o olhar da pessoa autista adulta a partir das vivências fortes pelas quais passou. Não nos cabe censurar o seu pensamento crítico. Cabe à academia pesquisar, reunir outros adultos autistas

que cheguem à pós-graduação stricto-sensu para analisar suas produções, expressões, vivências e, a partir da escrita direta ou nas entrelinhas, extrairmos o que é invisível aos nossos olhos, o que é incompreensível para a nossa razão e o que não compreendemos porque somos seres humanos sociais com competências socioemocionais plenas. Quem sabe, assim, descobrimos como é viver com habilidades socioemocionais, habilidades e competências típicas do Autismo.

Dra. Cristina Maria Carvalho Delou

Orientadora

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

CMPDI – UFF

PREFÁCIO DA MÃE DO AUTOR

Quando meus filhos eram pequenos, a palavra autismo nunca foi mencionada por nenhum dos profissionais onde passaram.

Hoje, desde cedo, as crianças são diagnosticadas e já iniciam tratamentos.

Em meu setor de trabalho existem algumas colegas nesta situação e, ao receberem o diagnóstico, me procuram para conversar porque nunca escondi o que passei. Conto para elas minha experiência, o desenvolvimento dos meus meninos e observo, com satisfação, o alívio e esperança em suas atitudes, pois a preocupação maior é com o futuro.

Estão, de certo modo, certas, porque ainda me preocupo. Não temos atenção especial para o autista adulto. Apenas as crianças são alvo dos profissionais. É como se eles não fossem crescer, mas crescem e vivem outra etapa de adaptações.

Como mãe fico atenta às mudanças, procuro novidades, mas, até agora, não encontrei terapeutas especializados para autista adulto.

Depois do diagnóstico fechado, e sob orientação da Profa. Cristina Delou, passei a acompanhar mais ainda a evolução deles, com a aquisição de computador, livros, celulares, com o que eles corresponderam com dedicação. O irmão Robson frequentou o curso pré-vestibular da UFF.

Ricardo cursou Arquivologia, cujo término foi de muita emoção, pois fui homenageada na colação de grau. Logo depois, resolveu fazer Biblioteconomia, que terminou com louvor, e, aí, já era funcionário federal com concurso público para Técnico de Arquivo na Casa de Rui Barbosa.

Agora, assisti muito emocionada a defesa do mestrado de meu filho, e compartilhei com minhas companheiras de trabalho para que tenham fé e continuem, como fazem, estimulando seus filhos. Todas retribuem, contentes, a minha colaboração.

Georgina

Mãe do Ricardo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 A PANDEMIA CAUSADA PELO SARS-COV-2.....	11
1.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	12
1.3. O QUE É O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	14
1.4. UMA BREVE HISTÓRIA DO AUTISMO	15
1.5. O AUTISMO NA VIDA ADULTA.....	17
1.6. O AUTISMO NA VIDA UNIVERSITÁRIA.....	18
1.7. O QUE SÃO AS ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO?	19
1.8. TRÊS TEORIAS SOBRE AS ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO.....	21
1.9. A DUPLA EXCEPCIONALIDADE	24
2. MUDANÇA DE PROJETO	27
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
3.1. INFÂNCIA	29
3.2. ADOLESCÊNCIA	35
3.3. A VIDA ADULTA.....	36
3.4. A MEMÓRIA ALFANUMÉRICA	46
3.5. FAMÍLIA E SOCIABILIDADE	48
4. CONVERSA FINAL	53
5. REFERÊNCIAS	56
NOTAS	64

1. INTRODUÇÃO

O texto apresentado neste *e-book* foi o resultado do estudo realizado por uma pessoa adulta, do gênero masculino, negro, que contava 38 anos de idade; dois cursos de graduação, o bacharelado em Arquivologia, concluído no ano de 2009 e o bacharelado em Biblioteconomia e Documentação, concluído no ano de 2014, ambos na Universidade Federal Fluminense (UFF). Aos dois anos de idade, o autor do estudo e seu irmão gêmeo foram identificados com Autismo num Hospital Universitário. Aos 19 anos, devido à memória excepcional para registros alfanuméricos, o autor foi encaminhado para avaliação de Altas Habilidades ou Superdotação. A avaliação foi realizada com teste não verbal de raciocínio lógico abstrato e o resultado atingido foi o Percentil maior que 95, compatível com Altas Habilidades ou Superdotação. Além disso, identificou-se que o Autismo que foi apresentado era do tipo Síndrome de Asperger, descrita pela primeira vez na 4ª edição do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual de Diagnóstico e Estatística de Desordens Mentais ou Transtornos Mentais (DSM-IV, 1994), no mesmo ano em que ocorreu a assinatura da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994). Assim sendo, o autor do estudo foi identificado com Dupla Excepcionalidade (DELOU, 2021; PFEIFFER, 2015; BAUM 2014; PRIOR, 2013).

Atualmente, em virtude de o Autismo ter sido incluído na 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatística de Desordens Mentais ou Transtornos Mentais (DSM-V, 2013) com outra organização descritiva, a denominação Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus níveis não contemplam a classificação descritiva realizada pelo Dr. Hans Asperger, em 1944, no Hospital Pediátrico de Viena, Áustria.

O sujeito em questão é funcionário público federal, atualmente lotado como Técnico de Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, em regime estatutário, devido ao concurso público realizado no ano de 2013. Dando início ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, em outubro de 2019, o autor¹ do presente estudo teve a possibilidade de vivenciar novas experiências e conhecer novas pessoas, ampliando, assim, sua rede de contatos e relações interpessoais.

Em função da pandemia causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2) (LIMA; REZENDE, 2020), historicamente, considerada como a nossa 21ª pandemia (LIMA, PAIXÃO, 2021), o estudo em questão foi reorganizado para se tornar um Relato de Experiência, um tipo de método de pesquisa que vem sendo organizado com mais frequência e que favorece a divulgação científica de assuntos singulares que possam trazer contribuições para o próprio autor do Relato no contexto do autoconhecimento mais profundo e reflexivo, assim como para outros profissionais da área que poderão entrar em contato com situações similares sem registro anterior na literatura acadêmica.

1.1 A PANDEMIA CAUSADA PELO SARS-COV-2

Em dezembro de 2019, a mídia em geral começou a veicular notícias sobre os primeiros casos de Covid-19, nome dado à doença provocada pelo novo Coronavírus, SARS-CoV-2, identificado na China, na cidade de Wuhan, que foi disseminada em rápida velocidade, avançando em novos casos com morte, inicialmente, no Irã e na Itália. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia do novo coronavírus. (VEJA SAÚDE, 2020).

O Ministério da Saúde do Brasil, ineficiente até os dias de hoje, vinha acompanhando as comunicações do OMS e tomou importantes decisões desde fevereiro de 2020 como a decretação do período emergencial, mais tarde pandemia, a decretação de calamidade pública, sugeriu o home office, a suspensão das aulas presenciais na Educação Básica e Superior, o que alterou todas as rotinas de trabalho e estudos de todos na Universidade. Os documentos publicados, mais importantes, foram:

- Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019;
- Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, reconheceu estado de calamidade pública;
- Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020, estabeleceu normas excepcionais para o ano letivo nos níveis da Educação Básica e da Educação Superior;
- Parecer CNE/CP nº 15, de 6 de outubro de 2020, Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020;
- Parecer CNE/CP nº 19, de 8 de dezembro de 2020, Reexame do Parecer CNE/CP nº 15, de 6 de outubro de 2020, que tratou das Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.

Desde março de 2020 até a presente data, dezembro de 2021, ainda enfrentamos situações de indefinição, aberturas e retrocessos quanto ao retorno das atividades de rotina no trabalho, nas escolas e universidades, na sociedade. O Brasil registrou no dia 07 de setembro de 2021, 584.208 óbitos e 20.911.579 casos de Covid-19, segundo dados divulgados pelo consórcio de veículos de imprensa a partir das informações emitidas pelas Secretarias de Saúde. (G1, 2021). Essa escala

mostrava-se descendente em algumas cidades, estados e regiões, mas já se podia observar que se encontrava ascendente, em outras, inclusive no Rio de Janeiro.

Diante destes fatos, foi necessário repensar o estudo. Não mais um estudo presencial com a utilização de formulário eletrônico e tratamento de dados estatísticos. O projeto inicial foi aprovado como pesquisa-ação a fim de interagir com e provocar mudanças nos colegas de trabalho, a partir da análise comparativa entre as respostas dadas no pré-teste e no pós-teste a respeito de Altas Habilidades ou Superdotação e Autismo/Síndrome de Asperger, divulgando questões básicas sobre Dupla Excepcionalidade. Os participantes da pesquisa seriam os colegas de trabalho do estudante de Pós-Graduação em Diversidade e Inclusão, do Instituto de Biologia da UFF, que atuavam numa Fundação Federal ligada à Cultura. Contudo, diante da nova condição que o SARS-CoV-2 impôs, com o afastamento social e o trabalho remoto, os estudos de pós-graduação tiveram que se adequar à nova realidade.

Nesta altura, vislumbrou-se a possibilidade de que o autor elaborasse um Relato de Experiência do tipo narrativo autobiográfico, referenciado cientificamente, com vistas a registrar o pensamento de uma pessoa que apresenta Dupla Excepcionalidade, Altas Habilidades ou Superdotação e Síndrome de Asperger, que teve acesso aos níveis mais elevados do ensino, sobre suas vivências, impressões e desejos.

1.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Um Relato de Experiência deve descrever com precisão os fatos alvo da pesquisa (PRODANOV; DE FREITAS, 2013), embora em Ciências Humanas a precisão seja subjetiva. Exitosos ou não, os fatos devem contribuir para que o assunto seja discutido teoricamente para que haja trocas de ideias e, se possível, contribua com a melhoria das formas de relacionamento interpessoal no contexto do próprio autor, dada à maior consciência de seus pontos de vista. Ainda não há um consenso sobre os estilos como os textos devem ser apresentados no contexto da pesquisa acadêmica.

Alguns apontam que se trata de um texto com maior liberdade para a descrição das impressões pessoais e, por esta razão, pode-se utilizar de linguagem mais pessoal e singular. Outros dizem que por se tratar de um trabalho científico, deve ser preservada a impessoalidade e a sobriedade acadêmica. Neste caso, ainda há mais um ponto a ser considerado, uma vez que sendo o autor uma pessoa com a Síndrome de Asperger, não raro ele cria os seus próprios termos e possui seu próprio estilo de se expressar.

As crianças descritas pelo Dr. Johann Hans Friedrich Karl Asperger (1906-1980)², podiam ser reconhecidas como pequenos professores, com uma fala que sugeria arrogância formal e termos eruditos. Assim sendo, caso tais características não fossem preservadas durante o texto produzido pelo autor, a ciência não teria acesso às características de estilo de pensamento, próprio das pessoas autistas, e nunca saberíamos como a mente de uma pessoa tão diversa se expressa.

Inicialmente, foi realizado um levantamento no Google Acadêmico *Científico Scielo* com os classificadores “*Relato de Experiência*”, que permitiu a organização de uma tabela para observar a quantidade de publicações em periódicos científicos, relacionadas aos Relatos de Experiência nos últimos cinco anos de publicações.

Tabela 1 - Número de publicações registradas no site Google Acadêmico *Científico Scielo*, com os classificadores “*Relato de Experiência*”. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=%22relato+de+experi%C3%Aancia%22++cient%C3%ADfico+scielo&oq=. Acesso em: 08 set 2021, à 01:19 AM

PERÍODO INVESTIGADO	Nº DE RESULTADOS APROXIMADO	SEGUNDOS
Desde 2017	11.100	0,03 s
Desde 2020	4.810	0,03 s
Desde 2021	1.940	0,04 s
A qualquer momento	17.900	0,03 s

Garantida a fundamentação teórica metodológica, buscou-se o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa sobre projetos a respeito de Relatos de Experiência. A consulta se deu por ocasião da palestra intitulada “Comparação de metodologia de pesquisa e apreciação ética: prospectiva, retrospectiva e relato de experiência”, proferida pela Dra. Ana Luiza Dorneles, Vice Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Faculdade de Medicina da UFF, coordenada pela Professora Dra. Suellen Marques, membro do CEP e docente do CMPDI, para a comunidade acadêmica do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) e outros cursos interessados. Nesta ocasião, a orientadora deste estudo perguntou sobre a necessidade de submeter um projeto de Relato de Experiência Autobiográfico ao CEP e a resposta dada foi que não havia necessidade de submeter este tipo de projeto ao CEP.

Assim sendo, decidiu-se que o mestrando, autor deste Relato de Experiência, narraria autobiograficamente as vivências que teve ao longo de sua vida. Foram abordados os períodos da infância, adolescência, juventude, idade adulta, família e sociabilidade. O texto é original, não é fechado e não pretende fazer generalizações. Não há erros de concordância, de regência, de número

e grau da língua portuguesa. Contudo, é a expressão típica de como pensa uma pessoa que nasceu com a Síndrome de Asperger que não utiliza os pronomes pessoais na primeira e na terceira pessoa do singular.

1.3. O QUE É O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Autismo e a Síndrome de Asperger, hoje denominada Transtorno do Espectro Autista (TEA), são os mais conhecidos entre os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), no qual podemos perceber alguns sinais, como: início precoce de atrasos e desvios no desenvolvimento das habilidades sociais, comunicativas e demais habilidades.

Na quinta edição revisada do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o Autismo é considerado como um transtorno do neurodesenvolvimento e denominado como Transtorno do Espectro Autista, trazendo uma novidade: diagnóstico único.

O autismo, também conhecido como *transtorno autístico*, *autismo da infância*, *autismo infantil* e *autismo infantil precoce*, é o TID mais conhecido. Nessa condição, existe um marcado e permanente prejuízo na interação social, alterações da comunicação e padrões limitados ou estereotipados de comportamentos e interesses. As anormalidades no funcionamento em cada uma dessas áreas devem estar presentes em torno dos três anos de idade. Aproximadamente 60 a 70% dos indivíduos com autismo funcionam na faixa do retardo mental, ainda que esse percentual esteja encolhendo em estudos mais recentes. (KLIN, 2006, p. 4).

Podemos compreender que o Autismo é uma junção de problemas, que variam em sua intensidade e com relação ao tipo. Não é raro encontrarmos e/ou ouvirmos mitos com relação às pessoas com um autismo leve, como a Síndrome de Asperger. Elas podem conversar, frequentar o ambiente escolar e ser independente (quando são estimuladas e encorajadas a tal). Por conta dos comportamentos e sintomas, que são secundários, os cientistas optaram por classificá-lo como um distúrbio: desordens do espectro autista.

O início do autismo é sempre antes dos três anos de idade. Os pais normalmente começam a se preocupar entre os 12 e os 18 meses, na medida em que a linguagem não se desenvolve. Ainda que os pais possam estar preocupados pelo fato de que a criança não escuta (devido à falta de resposta às abordagens verbais), normalmente eles podem observar que a criança responde de forma dramática aos sons de objetos inanimados (e.g., um aspirador de pó, doces sendo desembulhados); ocasionalmente, os pais relatam retrospectivamente que a criança era “demasiadamente boa”, tinha poucas exigências e tinha pouco interesse na interação social. (KLIN, 2006, p. 6).

Pais, médicos, neurologistas têm um desafio: identificar e tratar as pessoas que apresentam comportamentos como a dificuldade de comunicação e interação. Muitas das perguntas que são realizadas e que ficam sem resposta ou, até mesmo, a dificuldade dos pais em estabelecer vínculo com seus filhos, são situações corriqueiras para quem convive com o autismo.

As desordens do Espectro Autista, que englobam uma grande variedade de comportamentos e problemas sob o ponto de vista clínico, podem ser divididas em três “tipos” de Autismo:

1) Síndrome de Asperger: Descrita pela primeira vez pelo pediatra austríaco Hans Asperger (1906–1980), é considerada uma forma de Autismo mais branda. Os indivíduos costumam apresentar três sintomas: dificuldade de interação social, de comunicação e comportamentos que são repetitivos. No entanto, capacidades cognitivas e linguísticas estão preservadas. Comumente crianças com Síndrome de Asperger são consideradas como “pequenos gênios” quando resolvem alguma questão considerada de difícil entendimento;

2) Autismo “clássico”: É o tipo descrito pelo médico austríaco erradicado nos Estados Unidos Leo Kanner (1894-1981). Kanner foi o responsável pelo uso de expressões como: “solidão autística” e uma “insistência na mesmice”, sintomas esses que ainda são encontrados em indivíduos autistas. No Autismo clássico as pessoas têm um comprometimento em sua capacidade cognitiva;

3) Autistas do tipo regressivo: Essa variação no Espectro Autista inclui aqueles indivíduos que se desenvolvem normalmente até aproximadamente um ano e meio de idade e, aproximadamente, aos três anos sofrem algum tipo de regressão na área linguística ou comportamental.

1.4. UMA BREVE HISTÓRIA DO AUTISMO

O Autismo começou a ser discutido através de estudos do psiquiatra austríaco Leo Kanner, que consistiu no acompanhamento de 11 crianças que apresentavam dificuldades de relacionamento social. Em 1943, Leo Kanner descreveu, pela primeira vez, 11 casos do que denominou distúrbios autistas do contato afetivo.

Nos onze primeiros casos relatados por Kanner, percebe-se, e é relatado, uma incapacidade em se relacionar com o outro. Outros apontamentos feitos pelo autor são: respostas incomuns ao ambiente, resistência à mudança, aspectos não-usuais das habilidades de comunicação da criança etc. Assim,

Ele enfatizou a predominância dos déficits de relacionamento social, assim como dos comportamentos incomuns na definição da condição. Durante os anos 50 e 60 do século passado, houve muita confusão sobre a natureza do autismo e sua etiologia, e a crença mais comum era a de que o autismo era

causado por pais não emocionalmente responsivos a seus filhos (a hipótese da "mãe geladeira"). Na maior parte do mundo, tais noções foram abandonadas, ainda que possam ser encontradas em partes da Europa e da América Latina. No início dos anos 60, um crescente corpo de evidências começou a acumular-se, sugerindo que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais investigados. (KLIN, 2006, p. 4).

Para embasar suas definições, o autor utilizou os pacientes como exemplo através das histórias clínicas, comportamentos, aspectos físicos, entre outros. Outro ponto colocado pelo autor era sua preocupação com o ambiente educacional e como a abordagem pedagógica faz diferença para esses indivíduos.

No entanto, quando Kanner abordou sobre essas questões, ele colocava o contexto e comportamento familiar como sendo precursores de possíveis alterações no comportamento e desempenho dos sujeitos. Fatores biológicos também poderiam estar inclusos nesse processo. Ainda hoje temos a teoria afetiva sendo difundida na literatura. (BRAZÃO, 2015; LEITE, 2012).

Para o DSM-V, a avaliação continua sendo multiaxial, através de avaliações psicossociais e ambientais. O TEA está classificado em níveis, que são avaliados de acordo com as interações e como esse sujeito se comunica com a sociedade no geral.

O processo de diagnóstico é realizado por meio das observações, relatos, que são guiados por meio de critérios que são universais, então, não importa em qual lugar do mundo você esteja, os critérios são os mesmos. (BATISTA; GONÇALVES; ANDRADE, 2015).

Podemos analisar que alguns critérios se mantêm, mesmo com o passar dos anos. Padrões repetitivos, comportamentais e com relação a interação social se mantêm. O DSM-V entende o Autismo como um espectro que é único, podendo ter variações na funcionalidade.

O DSM-5 apresenta níveis diferentes relacionados à gravidade do caso, sendo classificados em: a) Nível I - na ausência de apoio, há prejuízo social notável, dificuldades para iniciar interações, por vezes parecem apresentar um interesse reduzido por estas, há tentativas malsucedidas no contato social, além da dificuldade de organização, planejamento e certa inflexibilidade de comportamentos; b) Nível II - exige apoio substancial havendo prejuízos sociais aparentes, limitações para iniciar e manter interações, inflexibilidade de comportamento e dificuldade para lidar com mudanças; c) Nível III - exige muito apoio substancial, havendo déficits graves nas habilidades de comunicação social, inflexibilidade de comportamento e extrema dificuldade com mudanças. Assim, quanto menor o grau de comprometimento do nível, melhor tende a ser o prognóstico do paciente. (FERNANDES; TOMAZELLI; GIRIANELLI, 2020, p. 4).

Após muita luta pela inclusão e por uma legislação que realmente garantisse os direitos aos autistas, foi sancionada a Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), que criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA. Essa política determina o direito dos indivíduos autistas a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), acesso à educação e à proteção social.

Após a implementação da Lei Berenice Piana, as pessoas com TEA foram incluídas na Lei 13.146, de 6 de julho de 2015, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI).

Destaca-se também a Lei 13.370, de 12 de dezembro de 2016, responsável por flexibilizar a jornada de trabalho de pais, funcionários públicos federais, com filhos autistas, sem redução de remuneração ou compensação para *os mesmos*³. A Lei 13.861, de 18 de julho de 2019 insere as especificidades inerentes ao TEA em censos demográficos e a Lei 13.977, de 8 de janeiro de 2020 institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA).

1.5. O AUTISMO NA VIDA ADULTA

Uma criança com TEA será um adulto com TEA. Ser um adulto com TEA significa apresentar comportamentos TEA nos graus - leve, moderado ou severo, desde a infância, aprendendo a conviver com seus sintomas ao longo da vida. Mas, nem todas as pessoas autistas adultas receberam algum tipo de diagnóstico na infância, logo na vida adulta poderá a pessoa com TEA apresentar comportamentos mais graves. (LEONARD, SHARON, KLEIN, 2021).

Atualmente, o mundo tem visto as sociedades tornarem-se cada vez mais dominadas pelos sentimentos de ódio gratuito e de indiferença às demandas e necessidades do próximo. As minorias são mais estigmatizadas e desprezadas por alguns seres humanos com menos tolerância com a diferença devido a preconceitos bastante enraizados com a cultura em que incorporam.

O efeito desta indiferença alcança as pessoas com TEA porque muitas pessoas não se relacionam com pessoas que também possuem TEA, por imaginarem que essas pessoas não receberam uma educação caseira ou que são doentes.

Outros humanos imaginam que todos os autistas são gênios e associam o diagnóstico, principalmente nos casos moderados, com a imagem física, partindo desse aspecto de que esse indivíduo não seja parecido com um autista, quando o vê com certo desenvolvimento social.

Nos tempos atuais as informações relacionadas ao Autismo estão bastante disseminadas através de realização de Congressos e Seminários (UFF, 2021), no que tange à questão dos tratamentos terapêuticos, o momento de iniciá-los, como promover a socialização e outras ações, mas o que se percebe, em especial no Brasil, assim que essa pessoa chega aos 18 anos de idade, na denominada maioridade, o TEA desaparece como um passe de mágica. A pessoa chega à idade adulta e é “curada”. Pelo menos é a observação feita por alguém diretamente envolvido nessa temática no que se refere ao pensamento de pessoas não familiarizadas com o quadro e com a saúde em geral. Porém, não existe cura para o TEA.

1.6. O AUTISMO NA VIDA UNIVERSITÁRIA

Algumas pessoas com TEA conseguem se formar em universidades, progredir na carreira profissional e, até mesmo, formar uma família como qualquer pessoa neurotípica, porém, a inserção e a participação na sociedade são apenas possíveis em caso de tolerância e aceitação por parte das pessoas que estarão dispostas a dividir todo o desafio de convivência, tendo em vista que o preconceito não é direcionado apenas à pessoa autista como, também, a quem se dispõe a se relacionar com ela. Infelizmente esse preconceito também é disseminado em alguns casos, no seio familiar.

Estudos realizados por Olivati e Leite (2019) mostraram que seis estudantes da USP que tinham o diagnóstico da TEA, apresentavam experiências interpessoais empobrecidas durante a educação básica. Na graduação, constatou-se que o interesse pelo curso em contraposição ao despreparo para a vida universitária provocava angústia e ansiedade nos estudantes, ao mesmo tempo em que enfrentavam barreiras para conclusão do curso no prazo regulamentar. O estudo encontrou a necessidade de ajustes no âmbito individual e no social, acadêmico, considerando-se que ainda se discute pouco sobre a presença de estudantes com TEA no ensino superior, sobre as adaptações ao meio que envolvam a todos e sobre a inclusão educacional e não, somente, às obrigações dos estudantes, em si mesmos.

Um segundo estudo, este realizado por Delou (2013), contou com Auxílio Pesquisa FAPERJ para desenvolver o projeto “Tutoria Pedagógica à Comunidade Acadêmica – alternativa para inclusão universitária de aluno com necessidades educacionais especiais?”. O projeto atendeu aos interesses e necessidades de conhecimento sobre questões que envolviam a inclusão de aluno com necessidades especiais junto a professores, funcionários técnico-administrativos e alunos; acompanhou

sistematicamente a ruptura de barreiras variadas advindas do desconhecimento no lidar com sujeitos singulares na academia; propôs novas práticas de avaliação escolar de modo a que a meta fosse o sucesso escolar no ensino superior; e, por fim, o projeto promoveu mudanças na rede de relações sociais, fundamentais para o desenvolvimento de uma nova autoimagem do aluno; sua relação com uma sociedade em mudança e a descristianização das condições sociais desfavoráveis experimentadas desde o início da sua vida, como apontado por Olivati e Leite (2019).

Ao término do curso, o estudante, participante da pesquisa, reingressou na UFF para realizar o segundo curso de graduação por ser complementar em conteúdo ao primeiro e, agora, se prepara para finalizar o mestrado profissional com a defesa desta dissertação.

1.7. O QUE SÃO AS ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO?

Altas Habilidades ou Superdotação são duas categorias de origens teóricas diferentes, a sociocultural e a inata, respectivamente, que foram associadas num único conceito legal, apresentado pela primeira vez na Resolução Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40. Diz o conceito:

(...) III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes. (BRASIL, 2001, Art. 5º).

Este conceito foi elaborado pelo psicólogo espanhol, curricularista, Cesar Coll Salvador, um dos mais eminentes responsáveis pela reforma educacional espanhola em 1990, e consultor contratado pelo do MEC para a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, aqui no Brasil. (SOPHIA, 2013).

Com base no Relatório apresentado à Unesco pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, o Relatório apresentou quatro pilares sobre os quais a educação deveria se pautar:

aprender a conhecer (adquirir instrumentos de compreensão), aprender a fazer (para poder agir sobre o meio envolvente), aprender a viver juntos (cooperação com os outros em todas as atividades humanas), e finalmente aprender a ser (conceito principal que integra todos os anteriores). (UNESCO, 2010)

Assim sendo, o conceito de Altas Habilidades/Superdotação (ALENCAR; FLEITH, 2001) se baseou numa característica muito típica e perceptível na sala de aula, a saber, a rapidez de aprendizagem. Os estudantes superdotados são os que acabam suas lições mais rapidamente. São os que levantam o dedinho para falar, dar respostas em primeiro lugar. A rapidez de aprendizagem mostra que eles dominaram intelectualmente os conteúdos ensinados (conceitos), dominaram os modos de realizar

ou fazer, *hands on* - "mão na massa" ou "aprender fazendo" (procedimentos), assim como mostra que os estudantes dominaram as posturas corporais, os comportamentos e a sua conduta relacionadas ao que foi ensinado (atitudes), relacionados a pelo menos três pilares para a Educação do Século XXI: *aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser*, respectivamente, postulados pela Unesco.

A segunda apresentação do conceito de Altas Habilidades/Superdotação ocorreu no texto da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Esta Política não foi publicada no Diário Oficial da União. Sua divulgação se deu no site referente às Publicações da Secretaria de Educação Especial, do MEC, em arquivo digital no formato PDF e na Revista Inclusão – Revista de Educação Especial, volume 4, número 1, janeiro/junho de 2008.

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. (BRASIL, 2008, p. 17).

A terceira apresentação do conceito de Altas Habilidades/Superdotação foi feita no texto publicado na Resolução CNE/CEB nº 4/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17.

III – Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade.

A especificidade do comportamento cognitivo e de aprendizagem dos estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação aproxima este grupo de estudantes da área da Educação Especial. Farta documentação legal demonstra e fundamenta a aderência das Altas Habilidades ou Superdotação à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), assim como a maior parte dos documentos dela decorrentes, até os dias atuais.

Recentemente, no dia 03 de agosto de 2021, foi assinada a LEI nº 14.191, que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Esta alteração trouxe como inovação a criação de um capítulo inteiro, intitulado Capítulo V-A DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS, a modalidade de educação escolar oferecida em Libras e, entre outros, o reconhecimento da existência dos estudantes surdos com Altas Habilidades ou Superdotação com direitos educacionais diferenciados. Assim diz o Art. 60-A:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (Incluído pela Lei nº 14.191, de 2021)

No ambiente escolar tem-se, erroneamente, a ideia de que toda criança superdotada apresentará um bom rendimento na escola. (ALENCAR, FLEITH, 2001; ANTIPOFF, CAMPOS, 2010). Para um indivíduo alcançar um bom rendimento escolar é necessário levar em consideração alguns fatores, como: emocional, social, cultural etc. Se por algum motivo esse indivíduo não se sentir acolhido, provavelmente seu desempenho acadêmico será afetado. A exclusão na escola é fato (FERRARO, ROSS, 2017). Nem sempre o superdotado necessariamente sabe dominar todas as competências de cada disciplina ou habilidade, pois, pode apresentar dificuldades em áreas que não dominam. (DELOU, 2021)

1.8. TRÊS TEORIAS SOBRE AS ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

Atualmente, três teorias são as mais citadas para explicar o fenômeno das Altas Habilidades ou Superdotação. Elas foram criadas por três psicólogos cognitivistas, da segunda metade do Século XX, após a retomada dos estudos sobre inteligência, paralisados com a II Guerra Mundial. A retomada se deu, inicialmente, com os estudos sobre a inteligência artificial no Massachusetts Institute of Technology (MIT, USA), passando à cognição humana a partir da década de 1970.

Joseph Renzulli criou a Teoria dos Três Anéis baseado na concepção inata dos “comportamentos superdotados”. Os comportamentos superdotados são decorrentes da interação das habilidades acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. (RENZULLI, 1978). Seu conceito fundamenta um modelo de ensino escolar (RENZULLI, 1994) e um modelo de programa de enriquecimento escolar (RENZULLI, 1985). (Figura 1)

Figura 1: **A:** Diagrama de Venn - representação gráfica da Teoria dos Três Anéis, que tem a pretensão de apresentar "as propriedades dinâmicas do conceito; ou seja, aquelas propriedades de movimento, interação, mudança e energia contínuas e não um estado fixo e estático" (Fonte: RENZULLI, J. O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação, e Como a Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Educação. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1 (52), p. 75 – 131, 2004, p.10. Disponível no site <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/papah/o-que-e-esta-coisa-chamada-superdotacao.pdf>). Acesso 31 ago. 2021; **B:** Dr. Joseph Renzulli. (Fonte: Vídeo dublado do Dr. Joseph Renzulli. Disponível no site <https://www.youtube.com/watch?v=rCbJotte4zQ>. Acesso 31 ago. 2021.).

Howard Gardner criou a Teoria das Inteligências Múltiplas (GARDNER, 1983). Seus estudos basearam-se no desenvolvimento cognitivo e neuropsicológico, de onde surgem habilidades muito mais diferenciadas e específicas que foram a base do questionamento da visão unitária e psicométrica de inteligência dominante no Século XX. "A inteligência é um potencial biológico e psicológico que se realiza, mais ou menos, de acordo com os estímulos, oportunidades e motivações que o meio-ambiente proporciona" (GAMA, 2014), "localizada no indivíduo e na sua interação com o meio-ambiente." (GAMA, 2014). Ele observou o desenvolvimento dos superdotados e os *savants* (autistas com deficiência intelectual e outras habilidades intactas). Gardner identificou, inicialmente, sete tipos diferentes de inteligências: linguística, logico-matemática, cinestésica, musical, espacial, interpessoal e intrapessoal, acrescentando a naturalista, anos mais tarde.

B

Figura 2: **A:** Esquema representativo da Teoria das Inteligências Múltiplas. Disponível no site <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/inteligencias-multiplasnovo-conceito-educacao.htm>. Acesso em 31 de out. 2021. **B:** Howard Gardner. Disponível no site <https://hsmuniversity.com.br/project/howard-gardner/>. Acesso em 31 de out. 2021).

François Gagné (GAGNÉ, 1985) é um psicólogo educacional franco-canadense de Montreal, Quebec, que se interessou pelo desenvolvimento de talentos no final dos anos 1970. Seus estudos versaram sobre atitudes em relação aos superdotados, educação, indicações de colegas, perfis de desenvolvimento, mas foi com o Modelo Diferenciado de Superdotação e Talento (DMGT), uma teoria de desenvolvimento de talentos, que ele ganhou notoriedade no meio educacional no Brasil.

O Modelo Diferenciado de Superdotação e Talento (DMGT) mostra o que é superdotação (capacidade natural de 10% daqueles que nascem como dons superiores) e o que é talento (competência superior apresentada por 10% daqueles que se desenvolvem em campos acadêmicos). Superdotação é inata e o talento, adquirido. Entre as capacidades naturais e as competências há o processo de desenvolvimento composto de atividades, progresso e investimento que recebem influência de catalizadores ambientais e intrapessoais, no contexto de acasos da vida.

Figura 3: **A**: Modelo de Desenvolvimento da Superdotação e do Talento (DMGT 2.0). Disponível no site <https://www.educacionyfp.gob.es/dctm/revista-deeducacion/articulosingles/gagne.-f.-en.-1-368.pdf?documentId=0901e72b81cbf793> Acesso em 31 ado. 2021. **B**: François Gagné. Disponível no site <https://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=22344&langid=1>. Acesso em 31 ado. 2021).

1.9. A DUPLA EXCEPCIONALIDADE

Segundo Prior (2013), June Maker registrou que James Gallagher foi o primeiro a se referir aos superdotados que apresentam, simultaneamente, baixo desempenho escolar, com a expressão “duas vezes excepcional”, ou “dupla excepcionalidade”. Uma segunda referência a esta autoria pode ser encontrada no site *The Free Dictionary*, na aba referente ao dicionário médico, onde se lê:

Duas Vezes Excepcional ou Dupla Excepcionalidade - Um termo cunhado por James Gallagher referindo-se a alunos que são superdotados e têm deficiências (por exemplo, fraquezas de processamento auditivo, problemas de integração sensorio-motora, dificuldades de percepção visual, desorientação espacial, dislexia e déficits de atenção). Esses alunos precisam de remediação para seus déficits de aprendizagem e aprimoramento de seus pontos fortes para alcançar resultados ideais. (DICIONÁRIO MÉDICO DE SEGEN, 2012).

É comum não haver a compreensão de que estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação possam apresentar algum tipo de deficiência sensorial, física, múltipla, emocional/comportamental, de comunicação, da fala, da linguagem, espectro do autismo, TDAH, dislexia em seu amplo espectro como disortografia, disgrafia, dislalia, discalculia e vice-versa. (NACG, 2021).

Neste conjunto de tanta diversidade não se pode incluir a deficiência intelectual, uma vez que, na psicometria, a Superdotação caracteriza-se pela cognição superior ao desvio padrão 2, o que corresponde ao QI 130, enquanto a deficiência intelectual caracteriza-se pela cognição inferior ao desvio padrão menos 2, o que corresponde ao QI 70. Numa linha psicométrica contínua, uma pessoa não pode ocupar dois lugares divergentes.

Segundo Pfeiffer (2015),

Os duas vezes excepcionais são alunos que apresentam alta habilidade e uma deficiência ou distúrbio. A habilidade pode estar em qualquer domínio culturalmente valorizado, incluindo alta inteligência, acadêmicos, artes visuais ou performáticas e atletismo. A deficiência coexistente pode ser física, médica ou psicológica. (PFEIFFER, 2015, s. p.).

A dupla excepcionalidade vem sendo foco de interesse de pesquisadores da área da Superdotação. Estudo realizado por Gierczyk e Hornby (2021), revisou quinze artigos publicados entre o ano 2000 e 2020. Os resultados mostraram implicações para a educação dos superdotados no contexto da tendência de aumento da educação inclusiva para alunos com deficiência, a saber: “importância da preparação do professor, necessidade de um contínuo de intervenções de educação especial, necessidade de colaboração com pais e especialistas e a necessidade dos professores se concentrarem tanto no desenvolvimento de qualidades quanto na correção de dificuldades” que os alunos com dupla excepcionalidade possam apresentar. O estudo concluiu que estudantes duas vezes excepcionais podem se beneficiar de ambientes de educação inclusiva caso tenham acesso a “programas apropriados nas áreas de educação especial e educação de superdotados”. (GIERCZYK; HORNBY, (2021).

Assim sendo, alunos duas vezes excepcionais podem ser ensinados de forma eficaz em ambientes de educação inclusiva, desde que tenham acesso a estratégias pedagógicas e professores especializados para este fim. A defesa do paradigma da educação inclusiva para os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação não provocou o efeito que se esperava ou na mesma proporção que foi para os alunos com deficiência. Desde a criação da instituição escolar, os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação sempre estiveram matriculados na escola comum ou regular (DELOU, 2007), embora nem sempre tenham recebido um ensino de qualidade ou a suplementação curricular (BRASIL, 2011) ao nível das capacidades de cada um. (BRASIL, 1988; 1996).

No início do século XX, a França foi responsável pela criação dos testes de inteligência sob a alegação da necessidade de separar os alunos com retardamento mental, nomenclatura oficial da época. (TEIXEIRA, 2019). No início do século XXI, vemos o movimento de educação inclusiva resgatar 100 anos

de exclusão na escola, o que Ferraro e Ross (2017) chamaram de “exclusão da escola, exclusão na escola e excluídos do interior” da escola, histórica e culturalmente construída, sem a presença dos alunos que constituem o público da Educação Especial.

Agora é o momento de enfatizar e garantir o direito de todos os alunos, independentemente das suas necessidades especiais (UNESCO, 1994), estarem juntos na escola, com acesso aos níveis mais elevados do ensino, segundo as capacidades de cada um, conforme o texto constitucional (BRASIL, 1988). É a hora de enfatizar que alunos com dupla excepcionalidade devam estar na escola para desenvolver suas qualidades, corrigir suas dificuldades (GIERCZYK; HORNBY, 2021) e aprender novas habilidades.

O melhor exemplo é a Dra. Temple Grandin, Bacharel em Psicologia pelo *Franklin Pierce College*, com mestrado em Zootecnia, pela Universidade Estadual do Arizona, Ph.D. em Zootecnia, desde 1989, pela Universidade de Illinois. Além de ser mulher, ela é profissional especializada com elevado nível de produção acadêmica na atualidade. Professora Associada na *Colorado State University*, suas atividades profissionais envolvem o designer de instalações e manejo do gado sem sofrimento na hora do abate; a invenção da máquina do abraço, uma tecnologia criada para acalmá-la em momentos de sofrimento sensorial (RAFOLS, 2012); é autora de inúmeros artigos científicos e livros sobre o trato animal e o autismo, sendo considerado o seu livro mais inovador o que foi publicado em 1986, intitulado *Emergence, Labeled Autistic*, que “deu voz àqueles que muitas vezes são considerados os forasteiros definitivos.” (GIFTED KIDS, 2021). Sua biografia notável pode ser encontrada no filme que leva seu nome (SCHMIDT, 2012).

Segundo a *National Association for Gifted Children (NAGC)*, a Superdotação é frequentemente ofuscada quando acompanhada de deficiências ou quando os alunos são capazes de mascarar ou ocultar as dificuldades de aprendizagem, utilizando os talentos⁴ para compensar suas dificuldades. Segundo a NACG (2021), “às vezes, as necessidades de educação especial de uma criança duas vezes excepcional são negligenciadas até a adolescência ou mais tarde, ou nunca são identificadas ao longo de sua vida.” Os estudantes com dupla excepcionalidade podem apresentar dificuldades de ajustamento ao ambiente escolar, devido à organização rigorosa, o volume de participação esperado, às demandas e o planejamento de longo prazo, frágil ou inexistente na escola. Assim como, podem interferir no entusiasmo, “eficácia, autoconfiança e motivação” para as aprendizagens de alto nível. (SALES, 2021). Alunos com Dupla Excepcionalidade, Altas Habilidades e Asperger, possuem um senso de justiça muito exacerbado e, este sentimento, associado à dificuldade de compreensão das figuras

de linguagem (comparação, metáfora, catacrese, metonímia, antonomásia, sinestesia, antítese, eufemismo, gradação, hipérbole, prosopopeia, paradoxo, perífrase, apóstrofe e ironia), podem comprometer o desempenho acadêmico, tornando-o inconsistente, frustrante, dificuldades com a escrita (letra script e textual), associado aos rótulos pejorativos, criados pelo desconhecimento e negligência em relação à tipologia deste alunado, como preguiçoso, desmotivado e baixo desempenho (NACG, 2021).

A inadaptação escolar na Dupla Excepcionalidade gera desconforto e sofrimento psíquico nos alunos não adaptados e Pfeiffer (2015) afirma que são poucas as “investigações empíricas bem planejadas de alunos superdotados com ansiedade, depressão, transtorno bipolar, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, transtornos alimentares, problemas de conduta ou deficiências médicas, físicas ou sensoriais.” (PFEIFFER, 2015). Seu estudo ainda dá início a uma breve discussão sobre o suicídio e o aluno superdotado, capítulo a ser escrito no Brasil.

2. MUDANÇA DE PROJETO

O projeto inicial foi aprovado como pesquisa-ação a fim de interagir e provocar mudanças nos colegas de trabalho, a partir da análise comparativa entre as respostas dadas no pré-teste e no pós-teste a respeito de Altas Habilidades ou Superdotação e Autismo/Síndrome de Asperger, para a divulgação de questões básicas sobre Dupla Excepcionalidade. Os participantes da pesquisa seriam os colegas de trabalho do estudante de Pós-Graduação em Diversidade e Inclusão, do Instituto de Biologia, da UFF, que atua numa Fundação Federal ligada à Cultura. Contudo, diante da nova condição em que o SARS-CoV2 impôs o afastamento social, o trabalho remoto e os estudos de pós-graduação tiveram que se adequar à nova realidade.

Nesta altura, vislumbrou-se a possibilidade de que o autor, que apresenta Dupla Excepcionalidade, elaborasse um Relato de Experiência, do tipo narrativo autobiográfico, referenciado cientificamente, com vistas a registrar o pensamento de uma pessoa com Síndrome de Asperger que teve acesso aos níveis mais elevados do ensino, suas vivências, impressões e desejos.

Inicialmente, foi realizado um levantamento no Google Acadêmico com os classificadores “Relato de Experiência Científica” e “SciELO”, que permitiu a organização de um quadro de observação da quantidade de publicações em periódicos científicos relacionadas aos Relatos de Experiência nos últimos cinco anos de publicações.

Tabela 1 - Número de publicações registradas no site Google Acadêmico, com os classificadores “Relato de Experiência Científica” e “SciELO”. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=%22relato+de+experi%C3%Aancia%22++cient%C3%ADfico+scielo&oq=. Acesso em: 08 set 2021, à 01:19 AM

PERÍODO INVESTIGADO	Nº DE RESULTADOS APROXIMADO	SEGUNDOS
Desde 2017	11.100	0,03 s
Desde 2020	4.810	0,03 s
Desde 2021	1.940	0,04 s
A qualquer momento	17.900	0,03 s

Os dados apresentados na Tabela 1 mostra que existe um excelente número de artigos que versam sobre Relatos de Experiências, logo concluiu-se que a metodologia seria viável para o estudo a ser realizado.

Uma segunda questão a ser superada foi a necessidade de submissão do estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFF. Por ocasião da palestra intitulada “Comparação de metodologia de pesquisa e apreciação ética: prospectiva, retrospectiva e Relato de Experiência”, proferida pela Dra. Ana Luiza Dorneles, Vice Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Faculdade de Medicina, da UFF, e coordenada pela Professora Dra. Suellen Marques, membro do CEP e docente do CMPDI, para a comunidade acadêmica do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) e outros cursos interessados, a orientadora deste estudo perguntou sobre a necessidade de submeter um projeto de Relato de Experiência Autobiográfico ao CEP e a resposta dada foi que não havia necessidade de submeter este tipo de projeto ao CEP.

Assim sendo, o mestrando, foi orientado a narrar autobiograficamente as vivências ao longo de sua vida, abordando o tema “Altas Habilidades ou Superdotação com Síndrome de Asperger: Relato de Experiências na Dupla Excepcionalidade”. O Relato foi organizado de acordo com os períodos da infância, adolescência, juventude, idade adulta, família e sociabilidade. O texto é original, não foi esgotado em detalhes e não pretendeu fazer generalizações. Desde o primeiro texto entregue não foram encontrados erros de concordância, de regência, de número e grau da língua portuguesa, confirmando-se como área de excelente performance do autor. Contudo, buscou-se manter as expressões típicas de como esta pessoa autista, com sintomas da Síndrome de Asperger, pensa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um Relato de Experiência reúne conteúdos que descrevem com precisão relativa uma experiência de um indivíduo ou grupo focal, visando, efetivamente, contribuir para a área de atuação do pesquisador

e para outros profissionais de áreas correlatas. É esperado que os resultados obtidos sejam passíveis de serem estendidos, servindo como potencial exemplo para outras situações similares e estudos ou de contraponto para estudos que apontam no sentido contrário ao esperado

O Relato de Experiência apresentado foi o início da reprodução da história de uma pessoa, avaliada neuropediatricamente aos dois anos de idade com Autismo. No ano de 2001, contando 19 anos, foi identificado com a, então, Síndrome de Asperger (KLIN, 2006), inserida na 4ª edição do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais ou Manual Diagnóstico e Estatístico (DSM-IV, 1994), no mesmo ano em que ocorreu a assinatura da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e na 5ª edição do mesmo Manual Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais (DSM-V, 2013), agora, com a denominação de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Na mesma época, aos 19 anos, foi identificado com Altas Habilidades ou Superdotação no Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação, da Faculdade de Educação, da UFF (UFF, 2021) Atualmente, está lotado como Técnico de Arquivo, da Fundação Casa de Rui Barbosa, em regime estatutário, devido ao concurso público realizado no ano de 2013. A cronologia da vida dessa pessoa desde a infância até a idade adulta foi apresentada neste Relato de Experiência em contexto científico, a partir de um modo Asperger de ler a realidade.

3.1. INFÂNCIA

No dia 18 de novembro de 1982 nasceram dois irmãos gêmeos na cidade de Niterói-RJ. Eles eram dizigóticos ou com duas placentas, ou seja, gêmeos não idênticos (COUTINHO; DO VALE BOSSO; 2016). O parto foi cesáreo, a termo, com pesos e medidas compatíveis à normalidade. A descoberta da gravidez gemelar de sua mãe foi consumada aos quatro meses de gestação através da ultrassonografia devido ao aparecimento de um sangramento, tendo em vista que ela havia sofrido um aborto espontâneo no ano anterior.

As primeiras pesquisas em busca de explicações genéticas para as causas do Transtorno do Espectro Autista (TEA) remetem à década de 1970, com estudos baseados nas observações de gêmeos. Em 1977, o Journal of Child Psychology and Psychiatry publicou um estudo com irmãos gêmeos que demonstrou que em monozigóticos a concordância para o autismo variava de 36% a 92% – em contraste com gêmeos dizigóticos, onde a concordância era bem baixa (FERNANDES, 2020).

Na época, a mãe tinha 30 anos de idade e o pai, 28 e o casal já possuía uma filha mais velha.

[...] primeiro estudo sobre o TEA e idade dos genitores realizado na América do Sul com uma dimensão amostral dessa magnitude (248 casos e 886 controles), cujos principais pontos fortes incluem uma lista abrangente de possíveis fatores de confusão identificados na literatura; questionário aplicado por uma equipe treinada e habilitada a prestar esclarecimentos; aproximadamente quatro controles por caso; e seleção aleatória de controles representativos da população em geral, com rastreamento de possíveis crianças com sinais do TEA. (MAIA, 2018).

A Conclusão mostrou que

Associações entre o TEA e as idades paterna e materna, no momento do parto, foram significativas quando estas idades foram avaliadas de forma independente. Porém, apenas a idade materna se manteve associada ao TEA quando essas duas variáveis foram incluídas no mesmo modelo. Observou-se, ainda, que a magnitude da associação com o TEA foi maior quando ambos os genitores apresentavam idades avançadas.

Os resultados encontrados podem ter importantes implicações tanto para a Psiquiatria Clínica quanto para a Saúde Pública, pois, nas últimas décadas, observa-se um aumento na média de idade dos genitores na gravidez. Deve-se enfatizar a importância da prevenção da idade reprodutiva tardia e realizar o rastreamento e o acompanhamento das crianças geradas por casais em idades avançadas (MAIA, 2018).

Quando nasceram, eram bebês que apresentavam um choro irritado e constante, não conseguiam ter um bom sono. Eram cuidados pela irmã de sua mãe, enquanto a mãe trabalhava em dois hospitais públicos. As duas irmãs se revezavam nos cuidados dos dois bebês. Os irmãos eram bastante ativos e “folheavam” (manuseavam) bastantes enfeites infantis colocados em um quarto arrumado.

O contato social é importante para quem é autista, mas necessita ser cauteloso e a presença da família neste contexto do aprendizado é fundamental. Diante do que é explicitado, averigua-se que os pais possuem temores e resistências quanto à maneira que ocorrerá a comunicação de seu filho autista com os demais membros da sociedade, pois temem as reações como grito, choro, agressões verbais ou físicas e agitação (NASCIMENTO, 2016).

Não havia uma percepção muito clara por parte da mãe sobre a questão de os bebês não olharem para a mesma,⁵ mas que somente não havia interação sorridente às brincadeiras dirigidas, assim como os chamados eram ignorados (KLIN, 2021).

A análise do movimento ocular, no processamento de estímulos visuais sociais, representa uma promissora linha de pesquisa, para entendermos os processos de aprendizagem do indivíduo com TEA (KLIN, 2021).

A alimentação também era bastante seletiva, pois em alguns momentos, os irmãos consumiam determinado sabor de mingau, depois desistiam e voltavam com os sabores habituais (LÁZARO; SIQUARA; PONDÉ, 2019).

Grande parte das crianças apresenta diversas preferências alimentares e mantém a seletividade ao longo de seu crescimento, fato esse que demonstra a importância da participação do profissional nutricionista ao longo de seu crescimento. (FARIA; SANTOS; VIEIRA, 2021).

Até então, apesar de trabalhar no setor de Pediatria de hospitais universitários públicos, na época, a mãe desconhecia o Autismo, e as outras pessoas diziam que o comportamento de seus filhos era normal.

Sempre levei a psicólogos que me diziam que era “normal”, mas tímido, introvertido. Na adolescência comecei a perceber a dificuldade em se relacionar, fazer amizades, de demonstrar sentimentos e emoções, isolamento, só colocava atenção quando o assunto era de seu interesse. (INSTITUTO NEUROSABER, 2020b)

Aos cinco meses, os gêmeos já se sentavam, mas não engatinhavam como outras crianças na faixa etária. Aos seis meses começaram a andar. Tiveram uma dentição normal e gostavam de ficar com a chupeta pendurada por cordão no pescoço, mas não a usavam (BRASIL, 20202). Aparentemente tudo se desenvolvia no ritmo normal até que, por volta de um ano de idade, a mãe percebeu que algo não ia bem com os filhos, por não falarem depois do primeiro ano de idade e não interagirem. Por isso, consultou o médico rotineiramente. O mesmo a orientou a procurar o serviço de Neurologia de um Hospital Universitário (HU).

O acompanhamento era feito pelo menos uma vez por semana, mas os profissionais nada transmitiam para a mãe, como a anormalidade do quadro, embora a mesma percebesse essa anormalidade, tendo em vista que ela criou seus irmãos mais novos e tinha uma filha mais velha oito anos que os gêmeos.

A mãe sempre registrou que os filhos não conseguiam permanecer em festas por conta de choros constantes, o que inviabilizava a sua frequência nesses eventos sociais.

As famílias podem ainda ter problemas em estabelecer atividades típicas como ir a restaurantes, cinema e festas devido a uma repercussão negativa do comportamento da criança com TEA. O tempo com toda a família reunida fica mais escasso, e em algumas vezes os pais se dividem, um fica com a criança com TEA e o outro sai com os outros filhos. (PEREIRA; BORDINI; MARCELO, 2017).

Quando das visitas ao HU, a mãe conheceu uma moça, estudante de Psicologia na época, que chegou a se oferecer para atender aos gêmeos nos finais de semana, mas o pai não os levava quando a mãe não podia ir devido aos plantões no Hospital.

Aos três anos passaram por mudança de endereço, onde moraram durante dois anos. Foram matriculados no jardim de infância mais próximo de casa, porém, no final do ano, a diretora convocou a mãe e observou que os dois filhos não demonstraram desenvolvimento no aprendizado (CAMPOS;

SILVA; CIASCA, 2018). Passando o tempo, a neurologista fazia o acompanhamento, mas não ratificava o diagnóstico, alegando que o quadro se configurava dessa forma e seria permanente, aconselhando a mãe a ter um pouco mais de paciência (PINTO, et al., 2016).

Em casa, o autor brincava com o irmão de correr, de pular de um sofá para o outro, sem noção do perigo, às vezes, se machucavam. Ganhavam brinquedos de controle remoto, mas ignoravam, preferindo enfileirar caixas de fósforos, remédios e palitos. Ainda usavam fraldas e as dobravam de maneira perfeita quando tiradas do secador para serem passadas. Ouviam fitas de história infantil durante horas e as manuseavam sozinhos (DE CARVALHO MANSUR et. al. 2017).

Aos quatro anos de idade, *essa pessoa* já conseguia ler e sua leitura era compartilhada com o irmão que seguia o mesmo ritmo. Até então, nem sua mãe, tão dedicada em descobrir, na época, qualquer anormalidade comportamental, imaginava que seus filhos estivessem precocemente prontos para a alfabetização. (BRASIL, 2020b). A irmã percebia que os mesmos liam sinopses de obras que a mãe lia, assim como os livros do Ensino Fundamental (RATUCHNE; BARBY, 2021).

Foram matriculados em uma creche. A adaptação ao ambiente diferente não foi fácil e a reação variava do choro constante à agressividade. Foi o começo do apontamento da dificuldade social que prosseguiria até os dias de hoje, embora com o passar do tempo, a mesma tenha regredido. (BAUER, 2009).

Aos cinco anos os irmãos fizeram a leitura de um letreiro de um supermercado que atualmente não mais existe. Um leu “Supermercado” e o outro “Tigrão” (DELOU, 2021). Essa ocasião se concretizou em Iguaba Grande, que, na época, era distrito de São Pedro da Aldeia, na Região dos Lagos ou Baixada Litorânea. A mãe se surpreendeu com o acontecimento e, a partir daí, começou a estimulá-los a ler oralmente. Há o relato de uma das primas que lembrou a recusa do autor de abraçá-la, mas que, em seguida, o mesmo sentou-se ao seu lado e encostou seu braço ao dela e pediu para esfregar. Era um pedido não-expressivo de carinho (GRANDIN; SCARIANO, 1999). Os irmãos apenas interagiam com um primo e uma prima que era a filha da tia que cuidava dos mesmos.

Aos seis anos houve mudança de escola. Mais uma vez, a adaptação não foi muito positiva. Durante as aulas cada irmão tinha uma reação diferente. O indivíduo relatado dormia em todo o tempo e o seu irmão chorava bastante. Um episódio marcou bastante a curta passagem dos irmãos por essa escola. Um dos irmãos foi abordado de maneira inadequada, tendo sua lancheira quebrada com evidente prejuízo material, além do prejuízo psicológico devido à abordagem inábil. A direção do colégio convocou a mãe para uma conversa e exigiu que seus filhos se socializassem para continuar no

estabelecimento de ensino. Logo após os estudantes saíram desta escola, pois, uma vez sendo autistas, não havia como atender à exigência apresentada (DELOU, 2021).

A mãe foi orientada pela neurologista a procurar tratamentos de Fonoaudiologia e Psicoterapia, simultaneamente, que foram realizados numa clínica especializada em integração e reabilitação, sendo que essa segunda intervenção continua até os dias atuais. Os irmãos pararam o tratamento fonoaudiológico aos 20 anos de idade. Durante este período de tratamentos, houve indicação de antidepressivos e sessões de psicoterapia (BAUER, 2009).

Os irmãos enfileiravam objetos sobre a mãe, bastante cansada do trabalho, durante horas, e se comunicavam com uma linguagem peculiar. Quando queriam algo, sempre apontavam, sem citar os nomes dos objetos (MOTA; VIEIRA; NUERNBERG, 2020).

A sobrecarga da mãe com relação ao trabalho lhe provocou a hipertensão por estresse, fazendo com que a mesma ficasse internada em um hospital. A partir desse momento precisou deixar um dos empregos para cuidar dos filhos, após uma orientação da neurologista que relatou que a “ponte” que os ligava à realidade era a própria, e que essa linha era bastante tênue. Após a conversa, para acompanhá-los mais de perto, a mãe deixou um dos HUs onde trabalhava, cuja carga horária era mais extensa, ficando apenas no segundo emprego, com mais vantagens trabalhistas. Essa mãe trabalhava em três empregos na época.

Apenas aos sete anos, foram inseridos em uma escola especial, por indicação da psicoterapeuta, com vários alunos que apresentavam diversas deficiências. Até então, estudaram em escolas comuns. Conseguiram se adaptar relativamente bem à rotina da escola, cujo corpo docente, trabalhava com uma metodologia mais alternativa, como desenho, passeios, exercícios na piscina e outros. Nesse colégio, o desenvolvimento dos irmãos foi bastante satisfatório, conseguindo produzir desenhos e segurando lápis, porém as estereotipias aumentaram devido à observação de colegas com os mais diferentes espectros. Dessa forma os comportamentos eram imitados. Foram dois anos de passagem neste colégio, e tal situação resultou em atraso escolar (BARBERINI, 2016)

No ano de 1992, aos nove anos de idade, ambos cursaram o 3º Período em um colégio localizado na proximidade de sua residência. No meio do ano a direção da escola ofereceu um teste para passar à Alfabetização. O autor se submeteu à avaliação proposta e foi aprovado. O seu irmão, porém, não a fez e, desde então os irmãos sempre seguiram em séries separadas até o final do Ensino Médio (DELOU, 2013).

Entre os anos de 1993 e 1996 os irmãos mudaram de colégio mais uma vez. Na época essa escola somente comportava os alunos até a 4ª Série. Foram anos em que ambos conseguiram desenvolver um pouco de interação social. Frequentavam o turno da tarde, de 13 às 17 horas. Nas sextas-feiras as saídas ocorriam às 16 horas. Nos três primeiros anos, a irmã e a mãe os levavam, mas quando o horário de busca passava do prazo, a ansiedade aumentava bastante, à medida que os nomes das outras crianças eram citados e os deles não (INSTITUTO NEUROSABER, 2020a).

Particularmente havia uma professora que possuía um duplo emprego, ou seja, trabalhava na escola e como transportadora escolar. Tinha mais afinidade com a irmã e relatava as rotinas dos dois. Havia também uma professora portuguesa radicada no Brasil que incentivou o autor a fazer cálculos matemáticos e enxergou um grande potencial no mesmo para desenvolver esta habilidade (DELOU, 2021).

A diretoria da escola promovia muitos passeios externos. Foram diversos, mas a passagem pela antiga fábrica da Coca-Cola, localizada na Rodovia BR-493 (Magé-Teresópolis), na cidade de Itaboraí, era empolgante, pois no local conheciam-se os procedimentos de fabricação e de embalagem do refrigerante. As aulas contavam com professoras bastante dedicadas e solícitas. Durante os intervalos das aulas as brincadeiras eram feitas com empurros de pneus. Nas aulas de Educação Física, o futebol e o vôlei eram os esportes mais praticados, geralmente ocorrendo às terças-feiras. Também eram nesses dias em que os conflitos mais ocorriam e se manifestava um nível muito grande de suscetibilidade. Era como se houvesse um soco no estômago e levava um período de dois dias para lidar psicologicamente com a situação (INSTITUTO NEUROSABER, 2020b).

Como qualquer adolescente, o despertar da sexualidade se deu por volta dos 11 anos de idade e o autor do estudo, como qualquer adolescente, assistiu a filmes com teor erótico na madrugada, como som bem baixo, para não chamar a atenção. Embora muito novo, possuía consciência do desejo e curiosidade em torno da sexualidade, condições apontadas em estudos recentes. Segundo Ottoni e Maia (2019), que realizam uma revisão teórica a respeito da sexualidade no Transtorno do Espectro Autista, no contexto da Síndrome de Asperger (TEA/SA), fundamentam seus achados nas principais características do TEA/SA, “déficits na comunicação social e os interesses ou comportamentos restritos e repetitivos”, a:

sexualidade é frequentemente invisibilizada, o direito de acesso à informação e a vivências sexuais comumente negados, e há vulnerabilidade com relação a abusos e violências. Os estudos indicam que os déficits em habilidades sociais, de comunicação, os interesses restritos e repetitivos e a hipersensibilidade são

possíveis fatores limitantes do desenvolvimento sexual. Alguns dados apontam para a identificação de desejos sexuais voltados especialmente a vivências solitárias da sexualidade e menor frequência de práticas sexuais, em comparação à população como um todo. (OTTONI; MAIA, 2019).

Ottoni e Maia (2019) concluem “que a revisão da literatura foi importante para esclarecer sobre a temática e subsidiar a elaboração de propostas de educação sexual para essa população, sem omitir, claro, os desejos e necessidades das próprias pessoas com TEA/SA,” como relata o autor do estudo.

3.2. ADOLESCÊNCIA

Aos treze anos eles começaram a não depender mais de outras pessoas para serem conduzidos ao colégio. Era o primeiro passo para a independência, o que só começou efetivamente em setembro de 1996. No ano de 1997, nova mudança de colégio se passou, onde os irmãos ficaram durante dois anos. A partir desse momento a frequência começou a ser feita na parte da manhã até o Ensino Médio. Houve a possibilidade de entrar no mundo informático e às sextas-feiras jogava-se um software de corrida chamado Stunts. O objetivo do jogador era pilotar um carro sem bater nas muretas sem cair na água. Também se aprendia a mexer no computador. O colégio tinha professores dedicados, mas que não destoavam especialmente. À medida que a idade avançava, os conflitos também se acentuavam, pois começava-se a conhecer a face negativa de algumas pessoas (BAGAROLLO; PANHOCA, 2011). Algumas meninas recusavam o convívio por alegação de beleza física supostamente desfavorável do autor. Outros procuravam se aproveitar da falta de habilidade dos irmãos para ludibriá-los. Também tinha a exigência de comprovação de virilidade sexual. (FALCÃO; STELKO-PEREIRA; ALVES, 2021).

Devido à situação financeira apertada, os irmãos tiveram que sair dessa escola. O ingresso em outro colégio, porém, não foi tão rápido, ficando para o ano seguinte, em março de 1999. Antes, porém, houve uma passagem para conhecer um colégio estadual. O autor não gostou das instalações físicas do local, que na época, estavam deterioradas.

Os anos de 1999 a 2002 foram conturbados. Os alunos estavam mais velhos e o autor também. Alguns alunos promoviam perseguições não só ao autor, mas ao seu irmão também. Havia arremessos de giz, papéis e ofensas à sua mãe (FALCÃO; STELKO-PEREIRA; ALVES, 2021). Apesar disso, as notas se sobressaíam, o que aumentou o desconforto entre demais estudantes (CUNHA, 2020).

(Para a criança autista) Há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações nem sempre se tornam conhecimento. Os objetos não exercem atração em razão de sua função, mas em razão do estímulo que promovem. (CUNHA, 2020).

Algumas situações ocorreram de forma inusitada, como em episódios onde uma menina mandava bilhetes com teor libidinoso com frequência de duas vezes por semana. Sem compreender muito bem os códigos das relações afetivas, o autor tentou abraçar a menina, mas não foi entendido, também. A mãe da menina reagiu em defesa de sua filha, mas mudou de ideia quando soube do ocorrido e sobre o comportamento do autor, até então. A menina reconheceu que errou e a situação se resolveu com um acordo entre as partes envolvidas. Em outro momento, outra menina fez um convite que não pode ser realizado devido à falta de verba. Os episódios ocorreram no 1º Ano do Ensino Médio (TONELLI, 2011).

Durante a fase de perseguições⁶, a escola se posicionou junto à família do autor. Na ocasião, houve a oportunidade de convidar os irmãos para frequentar uma igreja evangélica já que a profissional praticava essa religião, mas o autor não aceitou por não ver necessidade do tipo de sugestão dada (DALPRÁ, 2016).

Com relação aos professores, o autor tinha um contato mais frequente com o de língua portuguesa que o incentivou à produção de textos sobre programas de futebol e a abordagem sobre os clubes. Esta iniciativa permitiu o desenvolvimento do senso crítico sobre o trabalho da imprensa esportiva e do trabalho do professor. A percepção do autor foi de que o professor era uma pessoa que transmitia a mensagem de sua aula e se impunha sem precisar gritar.

E mais uma vez, a afetividade foi evidenciada pelo autor (BRILHANTE et al., 2021). Havia uma professora de Educação Física, cuja beleza física era exuberante, e tinha a mesma idade que o autor. Foi criada uma expectativa sobre ela por conta da idade próxima, mas a mesma delimitou um limite. Então, o autor ponderou que a profissional não teve culpa, e questionou sobre a lógica de se contratar um(a) professor(a) com a mesma idade ou muito próxima do(a) aluno(a). A incompreensão sobre a dinâmica da vida quando professores se formam muito jovens e começam a trabalhar com alunos quase da sua idade, não impediu a percepção e a manifestação do sentimento.

3.3. A VIDA ADULTA

No ano de 2001, quando contava 19 anos, uma prima realizava o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da UFF. O autor foi levado por sua mãe à Faculdade de Educação da UFF, para fazer uma avaliação com a Profa. Cristina Delou de quem ela era aluna. Alegava conhecer estudantes que poderiam se enquadrar nas características descritas sobre a Superdotação. As questões envolviam raciocínio lógico e dependiam do tempo em que o avaliado seria capaz de resolver o problema. O autor

conseguiu resolvê-lo em um tempo menor do que o padrão e, o Percentil resultou maior do que 95, o que caracterizou a Superdotação. Confirmou-se ali, também, o então diagnóstico de Síndrome de Asperger. Seu irmão também foi diagnosticado com a Síndrome, mas não teve a Superdotação confirmada.

O autor entrou no Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação, da UFF, (PAAAH/SD-UFF) no ano de 2002. O PAAAH/SD, (UFF, 2021), coordenado pela Profa. Cristina Delou, contava com uma equipe de alunos de graduação e especialização. O grupo tinha cerca de 10 integrantes, era formado por integrantes do sexo masculino e apenas uma menina, que era irmã de um dos participantes. A participação do autor durou até o ano de 2004, mas foi bem proveitosa, uma vez que houve a possibilidade de descobrir e desenvolver outros talentos, como jogar Dama e Xadrez, que exigem muito raciocínio lógico (DELOU, 2014).

A sétima e última mudança de colégio para o autor ocorreu no 2º ano do Ensino Médio. Uma característica comum e citada na literatura é a resistência à mudança de rotina (CAMARGO et al., 2020; SANCHES, DA SILVA TAVEIRA, 2020). Mudança de escola é sempre mudança de rotina, contudo, desde pequeno as mudanças foram necessárias para dar continuidade à escolaridade.

O ingresso em mais um colégio particular, comum, ocorreu apenas em março de 2002, graças a indicação do professor de Física que já trabalhara no local. A permanência ocorreu até o final do ano de 2003, quando o autor conseguiu concluir o Ensino Médio. O nível dos colegas era completamente diferente em relação aos colégios anteriores. Nem tudo foi maravilhoso, pois os irmãos não conseguiam fazer a interpretação dos problemas de Física. A Profa. Cristina Delou buscou na UFF, um grupo de pesquisa de Ensino de Física que trabalhava com tirinhas de histórias em quadrinhos. O grupo constituído pelos professores Lucia da Cruz de Almeida, Isa Costa, Maria Camila Morato e Renato Cardoso Santos indicou o aluno do curso de Licenciatura em Física, Adriano Ferreira da Silva, para desenvolver um trabalho pedagógico com os irmãos. O trabalho envolveu a apresentação das tirinhas e a explicação do que elas significavam. Depois, o professor passou a apresentar enunciados de situações-problema que favoreceram a:

introdução de conteúdos com exploração das representações dos estudantes; apropriação de conhecimentos e habilidades; o aprofundamento de conhecimentos; a correlação dos conceitos físicos com os conteúdos disciplinares de outras áreas do conhecimento. (ALMEIDA; COSTA; MORATO; SANTOS; SILVA; SILVA, 2003).

Foi o estudante de Física quem identificou o problema apresentado: como o ensino de Física era praticado em sala de aula sem a apresentação dos enunciados teóricos, partindo para a repetição dos

exercícios, os irmãos não conseguiam alcançar sucesso na disciplina. Essa dificuldade, de certa forma, também ocorria em Matemática e Química, o que resultou em uma etapa de recuperação nesses dois últimos anos de Ensino Médio. Apesar de tudo, o autor foi aprovado nessas etapas. Os professores eram bastante dedicados e apresentavam uma grande qualidade para transmitir os seus ensinamentos aos alunos.

A partir do 2º Ano, as demandas sociais cresceram mais. O autor frequentava as casas de outros colegas para fazer trabalhos e, tais movimentos estimulavam a sociabilidade. Também tinham os jogos de futebol e convites para festas. Colegas impertinentes, idem, mas a turma, em geral, era mais unida (BENINI; CASTANHA; BENINI, 2016).

Nesta etapa da vida, já contava 20 anos e sentia necessidade da iniciação sexual. Antes, havia sido necessário realizar duas cirurgias: fimose e retirada de um testículo por criptorquidia⁷. A atividade sexual foi iniciada em casas de massagem, com prestadoras de serviço que passam por elevada rotatividade e impossibilitava o estabelecimento de qualquer tipo de laço de contato duradouro. Algumas prestadoras são mais simpáticas, prestativas e mais colaborativas. Outras são mais rudes e desinteressadas em desenvolver uma empatia com o cliente. O ideal, porém, seria que o autor pudesse construir um relacionamento com uma pessoa para acompanhá-lo na jornada.

O desenvolvimento sexual faz parte da vida de pessoas com autismo em todos os níveis de desenvolvimento e geralmente é pouco estudado nessa população. A maioria das informações estava disponível sobre aspectos comportamentais e experiências de agentes socializadores, como pais e profissionais. Os processos de desenvolvimento e a relação entre comportamento sexual, individualidade e socialização permaneceram obscuros (DEWINTER, 2013).

Após a conclusão do Ensino Médio, o autor passou algum tempo sem atividade até prestar o Vestibular, no ano de 2004, para o Curso de Graduação em Arquivologia, na Universidade Federal Fluminense, a partir dos resultados obtidos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), de acordo com a normas do MEC.

[...] em razão da falta de políticas públicas mais contundentes, esses mesmos aprendizes têm se deparado com dificuldades desnecessárias para ultrapassar as barreiras do PSV que rompe com as ações pró-inclusão, barra e dificulta o acesso ao ensino mais elevado em cursos superiores (ORRÚ, 2018).

Foi aprovado para o segundo semestre, mas começou a frequentar o curso antes, no primeiro semestre, para se ambientar com menor dificuldade de adaptação ao seu semestre letivo. Havia uma preocupação prévia com relação ao trote que é um ritual de passagem da pessoa pela Universidade,

que reuniu ações como recolher dinheiro nos sinais de trânsito para a choupada comemorativa e a pintura de corpos ou roupas pelos colegas veteranos. Um contato prévio foi feito com o Diretório dos Estudantes, dando ciência a respeito das características pessoais e singulares e o autor participou como observador da ação, acompanhando os colegas em ação (DELOU, 2013)

Desde o início do curso de graduação, o mesmo foi tutorado pela Profa. Cristina Delou, orientadora desta dissertação, contemplada com um projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro Carlos Chagas Filho (Faperj), intitulado “Tutoria Pedagógica à Comunidade Acadêmica - alternativa para inclusão universitária de aluno com necessidades educacionais especiais?”. O relato desta experiência foi publicado no ano de 2013, como um dos capítulos publicados pelas Dras. Denise de Souza Fleith e Eunice Maria Lima Soriano de Alencar, no livro Superdotados - Trajetórias de Desenvolvimento e Realizações, da Juruá Editora, de Curitiba, no capítulo intitulado “Transtorno de Asperger com Altas Habilidades/Superdotação: a dupla excepcionalidade no ensino superior”. Foram quatro anos de acompanhamento sistemático e contínuo a todos os docentes, técnico-administrativos e discentes que conviviam com o autor, diariamente no meio acadêmico com vistas à inclusão, permanência e sucesso escolar até que culminasse na formatura (DELOU, 2013)

Durante a realização do curso de graduação, no ano de 2005 chegou a primeira experiência de trabalho para o autor. Surgiu um convite por parte de uma servidora da Universidade Federal Fluminense, lotada na Reitoria, localizada no bairro de Icaraí em Niterói-RJ. O regime de trabalho era caracterizado como estágio, a carga horária era integral e funcionava como uma prestação de serviço. Na época, a universidade terceirizava o serviço através de uma Fundação, que pagava os funcionários a cada três meses.

No caso do autor, e de seus outros colegas de trabalho, houve uma negociação para que fossem pagos de dois em dois meses. A equipe trabalhava no quinto andar da Reitoria, onde se localizava o setor de Contabilidade. Durante os dois primeiros meses, os três integrantes ficaram no mesmo Núcleo. Depois, houve a transferência de dois integrantes, o autor e mais um para o Departamento de Arquivo Permanente, no bairro de Jurujuba, na mesma cidade. Os colegas do autor tinham perfis completamente diferentes. O que ficou na Reitoria era bem centrado, objetivo e possuía um nível intelectual muito alto. Sobre o outro, o autor tinha uma afinidade por conta da convivência de muitos fatores em comum, como futebol e as aulas, mas era mais voltado para a boemia. Tinha um nível intelectual interessante, também. A servidora que fez o convite, comparecia duas vezes por semana,

às terças e quintas-feiras, ao Arquivo Permanente, mas o autor apenas a via às quintas. Era o dia sempre mais tenso, pois a mesma sempre agia de forma mais incisiva, a pretexto de passar orientações. Havia a sensação de medo, o que gerava uma situação muito estressante. Algum tempo depois, houve o entendimento por parte do autor que essa energia era transmitida por essa pessoa pelo fato de a mesma acreditar no potencial deste.

A inclusão de um autista no mercado de trabalho é garantida pela mesma lei que determina a participação mínima para portadores de qualquer deficiência. Foi a Lei 12.764, de 2012 – também conhecida como Lei Berenice Piana – que abriu as portas para o reconhecimento do Autismo dentro do rol das demais deficiências. Desde então, o autismo tem sido muito mais discutido e diagnosticado no país (AUTISMO EM DIA, 2020).

Em junho de 2006, o autor saiu desse trabalho da UFF e entrou na FUNARTE, localizada na Rua São José, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. A Profa. Cristina Delou fez uma apresentação aos servidores sobre o autor, como atividade do projeto da Faperj. Durante o tempo de estágio, o autor trabalhava com mulheres, em sua maioria. Com relação às colegas não houve um destaque muito especial a observar. Elas não conversavam muito. A coordenadora do grupo era uma pessoa que conseguia liderá-lo e distribuía bem as tarefas. O expediente funcionava das 9h às 18h, mas o autor entrava apenas às 13h e saía às 17h. Apenas essa coordenadora e algumas servidoras da Fundação conversavam com esse autor.

O estágio durou até junho de 2008, quando o contrato com a empresa contratante terminou. Foram dois meses sem nenhuma renda até que chegaram duas propostas, sendo uma de um Escritório de Advocacia, localizado na Av. Pres. Vargas, também no centro do Rio e a do DETRAN-RJ, localizado no bairro de São Cristóvão. As duas propostas foram aceitas, mas a passagem no escritório foi bastante breve, apenas doze dias. As pessoas até eram colaborativas, mas a impressão é de que elas queriam uma pessoa para organizar o arquivo do local e, em muitas oportunidades, eles entravam para pegar material sem consultar o autor. Não se fazia muita questão da presença. O autor entrava à tarde.

Uma das primeiras coisas a que o líder deve se atentar é sobre preparar a equipe para receber o novo profissional. É preciso disseminar informações úteis sobre a condição de alguém com Transtorno do Espectro Autista, e incentivar o respeito às possíveis situações de isolamento e dificuldade de expressão. (AUTISMO EM DIA, 2020).

No DETRAN, o autor fazia o expediente de manhã, de 8 às 12 horas e, mais uma vez, a Profa. Cristina Delou fez a apresentação do mesmo quando de sua chegada. As pessoas entenderam a causa e procuravam auxiliar o autor durante o tempo de estágio. A tarefa consistia em separar fichas de placas de veículos e ordenar. O autor trabalhou no local até março de 2009 e seu contrato não pôde ser

renovado devido à proximidade da formatura, mas o ambiente era relativamente agradável. A coordenadora tinha contato com o autor, assim como algumas outras pessoas que não trabalhavam na mesma sala. Poucas vezes, apenas, ocorreram situações desagradáveis como quando uma servidora com cargo de psicóloga fez uma repreensão ao autor por conta de uma questão financeira, como se a ação fosse criminosa em si. Em outro episódio, ela tentou explicar algo sobre o site Yahoo, onde o autor tem um e-mail registrado e disse que a sigla ES significava Espanha, como se o autor apresentasse retardo mental. Houve um grande constrangimento.

Considerando que estamos em um mercado de trabalho competitivo e as empresas estão cada vez mais exigentes, programas de inclusão se tornam fundamentais para o autista que necessita desta inserção para estimular suas capacidades e desenvolver suas habilidades e potencialidades. [...] ter um olhar voltado as potencialidades além das limitações, para que habilidades sejam identificadas e estimuladas de forma inteligente, e acima de tudo respeitando os limites (GOMES; SCATOLIN, 2020).

No segundo semestre do ano 2008 começou a etapa acadêmica para o desenvolvimento da monografia de conclusão de curso como requisito para colação de grau no curso de Arquivologia. A monografia recebeu o título “Arquivos Escolares”. A orientação foi feita pela Profa. Fátima Justiniano e o trabalho de campo foi realizado na Coordenação de Pós-Graduação Lato Sensu da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense (SILVA et al., 2020). O objetivo do estudo consistia em analisar a estrutura do referido arquivo, propondo soluções de arquivamento de documentos para que o local de trabalho pudesse ser melhorado. Não foi possível colocar a proposta em prática, mas pelo trabalho acadêmico realizado, a monografia foi aprovada pela Banca Examinadora em função da proposta apresentada.

No ano de 2009, concretizou-se a formatura. Foi uma das mais emocionantes que se poderia conhecer. Inclusive pelo fato de a sua mãe ter sido homenageada por toda a turma de formandos, reconhecida por todos os seus anos de dedicação aos seus dois filhos autistas, e porque o autor foi o único formando aplaudido de pé por todos os presentes. A cerimônia foi realizada no Teatro da Reitoria da UFF.

Houve a possibilidade de o autor se formar com algumas pessoas que entraram juntas na Faculdade e outras que trabalharam com o mesmo (DELOU, 2013).

Na noite da formatura, a coordenadora do Curso de Arquivologia convidou todos os formandos a continuarem na Universidade por meio do reingresso, para realizarem o Curso de Biblioteconomia e Documentação, uma vez que o curso seria reformulado e seria complementado com conhecimento

deste novo curso. Nem todos os integrantes formandos aceitaram reingressar por focarem em outros objetivos. Contudo, o autor ingressou no curso, fazendo um menor número de disciplinas em comparação ao curso de Arquivologia, mas tendo levado o mesmo tempo para a conclusão. Foi bem recebido pelos colegas e pela coordenação. Dessa vez a Tutoria não foi requisitada.

Entre abril e dezembro de 2010, o autor esteve na Coordenação de Pós-Graduação Lato-Sensu, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense como bolsista, em mais um convite feito pela Profa. Cristina Delou. A equipe de trabalho tinha três pessoas, sendo que uma entrava no turno da tarde. O relacionamento com as duas pessoas do sexo masculino era bem cordial, mas não se podia dizer o mesmo com relação à pessoa do sexo feminino. O autor ficava encarregado de criar planilhas para auxiliar a Coordenação.

Após o término deste estágio, o autor ficou sem renda durante seis meses até conseguir o ingresso na empresa BPGR, em junho de 2011. A empresa se localizava nas proximidades da residência do autor. Era um grupo de trabalho formado por até 15 pessoas, entre as que digitavam os números do Diário Oficial, em especial, o da União, os operadores de telemarketing, os gerentes, coordenadores e indexadores de resumos dos artigos publicados nos Diários Oficiais da União (DOUs). Havia uma bibliotecária experiente que supervisionava os trabalhos de indexação. O autor entrava às 7 horas e saía às 13 horas, porém à medida que os horários das aulas de Biblioteconomia coincidiam com o turno escolhido, ou o autor ficava durante todo o dia ou entrava à tarde.

A tarefa consistia em reproduzir os resumos dos DOUs e inseri-los na rede da empresa. Caso o jornal fosse finalizado um pouco antes do encerramento do expediente, a equipe pegava as sobras de jornais dos dias anteriores. Cada integrante tinha um período de 15 minutos de lanche, e todos os horários eram controlados através de ponto eletrônico, cujo sistema contava com banco de horas.

O relacionamento com as pessoas era bom, em especial com a supervisora, que incentivava o autor a progredir na carreira, mas o controle era tanto que causava desconforto ao autor. Ele se sentia vigiado. O autor permaneceu na empresa até o final de julho de 2013, mas antes já não via mais a possibilidade de efetivação.

Um pouco antes, a supervisora ao saber do Concurso aberto pela Fundação Casa de Rui Barbosa, incentivou o autor a fazê-lo e já sabendo das necessidades especiais do mesmo, aconselhou-o a entrar na cota dos deficientes. O autor percebeu que essa oportunidade era bastante válida e se inscreveu. Durante a realização do curso de Biblioteconomia e Documentação, o autor teve oportunidade de viajar, em 2011, com um grupo de estudantes da Universidade Federal Fluminense em um ônibus para

participação num Congresso na cidade de Campo Grande, MS. A partida ocorreu no dia 11 de novembro, às 12 horas de sexta-feira e a chegada ocorreu às 12 horas do dia 12, um sábado. A viagem incluía uma passagem por um trecho da cidade de São Paulo, na Marginal Tietê, um percurso pela parte oeste do interior do Estado de São Paulo, chegando a passar pela cidade de Presidente Prudente, a divisa entre os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, através do Rio Paraná e o sul do último Estado citado. Foram ao todo, quatro horas pelo Estado do Rio de Janeiro, treze por São Paulo e sete por Mato Grosso do Sul.

A memória dessas pessoas é usualmente muito aguçada, o que faz com que elas lembrem de datas e fatos com precisão — mesmo que eles não tenham importância (TISMOO, 2016).

Na chegada ao local, uma escola para o Ensino Médio, o autor e o grupo passaram em um shopping. O clima da cidade era muito seco e fazia um grande calor, fazendo com que o ar ficasse quase irrespirável.

Na parte da noite, houve uma solenidade na Câmara de Vereadores de Campo Grande, MS, para saudar os grupos que compareceram ao Encontro. A recepção foi bastante calorosa. Em seguida, o pessoal se encaminhou para uma boate que ficava próxima ao local. Houve muito contato e ruído. O autor permaneceu no evento para acompanhar os colegas, mas o ambiente não era muito saudável.

No domingo, 13 de novembro, o grupo fez um churrasco e tinha a carne da região, carne de jacaré. A importância se consumiu pela integração entre os grupos já que eram de Universidades sediadas em Estados diferentes.

A despedida ocorreu no dia 15 de novembro, terça-feira, com mais vinte e quatro horas de viagem. A saída ocorreu às 12 horas do dia citado e a chegada à UFF no dia 16 de novembro, quarta-feira.

Durante o período da viagem, uma menina conversava bastante com o autor. O mesmo não a conheceu anteriormente durante as aulas. Ela se ofereceu para ajudar o autor caso o mesmo precisasse, porém, ao não perceber um sinal claro por parte do mesmo, ela se afastou e não tentou se aproximar.

Quando o ônibus passou pelo Rio Paraná, uma colega do autor, que trabalhava na mesma empresa que ele, declamava esse rio com grande admiração. A razão estava ao seu lado pois o Rio Paraná é bastante grande e possui uma beleza peculiar.

A pessoa com Autismo tem necessidade de expressar seus sentimentos de modo próprio e único, como qualquer pessoa. [...] nos casos em que a sexualidade é bem encaminhada na vida destas pessoas: melhora o seu

desenvolvimento afetivo, transcurso da puberdade/adolescência/vida adulta mais tranquila e feliz, facilita a capacidade de se relacionar, melhora a autoestima, permite a construção da identidade adulta, melhora a adequação à sociedade, conseqüentemente adquirem maior independência e autonomia. Por que melhora tudo isso? Porque se vistos e considerados como seres humanos inteiros, que pensam, sentem, desejam, tem sexualidade, identidade, profissão e um projeto de vida (ALMEIDA, 2017).

Uma semana depois do evento, o autor começou um estágio no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, localizado nas proximidades do Niterói Plaza Shopping. O grupo era coordenado por uma servidora e uma professora da instituição. O autor trabalhava na parte da manhã três vezes por semana. A tarefa consistia em produzir planilhas para organizar os arquivos do local. O relacionamento com as pessoas era apenas formal. A ocupação durou até o final de setembro de 2013.

Em outubro do mesmo ano o autor teve o seu primeiro emprego com carteira assinada num colégio particular, localizado no bairro de Vila Valqueire, no município do Rio de Janeiro. As pessoas o receberam de forma muito positiva e o mesmo assumiu o cargo de Auxiliar de Biblioteca. Havia uma bibliotecária responsável pelo setor, dois aprendizes e uma funcionária, cujas funções consistiam em organizar o acervo bibliográfico, permitir aos alunos o seu acesso e controlar o uso. Ao autor cabia o controle de planilha das obras bibliográficas.

A carga horária era integral, de 8 às 18 horas, mas o autor entrava às 6:30 e saía às 17 horas para que pudesse chegar em casa sem pegar muito trânsito. Em geral, as pessoas eram bastante solícitas. O relacionamento tanto com os outros funcionários quanto com os professores era positivo. Era, porém, perceptível a vigilância do ambiente escolar personificada na postura dura de um supervisor que rondava as dependências do colégio durante todo o tempo.

O local contava com um refeitório para o café da manhã e o almoço. Era o momento em que o autor podia se socializar com as pessoas de outros setores. Foram poucas as pessoas que realmente se aproximaram.

O autor ficou na escola até o final de março de 2014, quando começou a trabalhar na Fundação Casa de Rui Barbosa, apesar de que, já tinha ciência da aprovação no Diário Oficial da União desde o dia 11 de março de 2014. Foi feito um acordo com o departamento dos Recursos Humanos para permanecer até o final do mês e houve o pagamento de todos os encargos.

Para o curso de graduação em Biblioteconomia e Documentação, o autor fez a monografia intitulada “Direito à Informação na Revista do Direito do Consumidor”, entre o segundo semestre de 2013 e o primeiro semestre de 2014. O trabalho foi orientado pela Profa. Márcia Heloísa Figueiredo e a pesquisa

foi realizada na Biblioteca da PUC-RJ, entre novembro e dezembro de 2013, para organizar planilhas sobre os exemplares da Revista do Direito do Consumidor. Simultaneamente, quando o autor realizava a última disciplina do curso e o estágio probatório na Fundação, a monografia foi aprovada.

Em novembro de 2014, chegou o dia da segunda formatura, realizada no Clube Naval em Jurujuba. Foi uma formatura bastante fria, em comparação à anterior, realizada no mês de maio de 2009, por conta da padronização da cerimônia e contava com turmas de outros cursos. O autor se formou com bacharelado de Biblioteconomia e Documentação oito meses após a nomeação na Fundação Casa Rui Barbosa. Alguns familiares compareceram à cerimônia, assim como na anterior. Para o autor, o evento foi apenas protocolar.

Nesta ocasião, o autor era funcionário público federal concursado. Em setembro de 2013, o autor fez a prova para o Concurso da Fundação Casa de Rui Barbosa. Os estudos ocorreram simultaneamente à sequência das avaliações na Faculdade, mas não foi um obstáculo intransponível. Embora constasse na ficha de inscrição tipos de deficiência para que os candidatos escolhessem conforme o seu caso, não havia a previsão de candidatos autistas, como o autor desta dissertação. Então, a escolha foi pela cota com a classificação de deficiência mental, como registrado na ficha de inscrição.

Em janeiro de 2014, o autor recebeu um e-mail do Serviço de Recursos Humanos da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), com o aviso sobre sua aprovação e convocação para o final do mês citado com toda a documentação. No dia 30 de janeiro foram levadas as provas documentais de capacidade para o cargo e o autor foi encaminhado à perícia médica em fevereiro. Após a aprovação nos exames periciais, bastava apenas aguardar a publicação dos nomes dos novos servidores no Diário Oficial da União.

No dia 1º de abril foi feito um almoço com familiares para comemorar a entrada no novo emprego e no dia 2 foi tomada a tão sonhada posse. O início de trabalho foi bastante difícil, até que o autor dominasse todas as rotinas do serviço. Atualmente, ele está lotado na Fundação Casa de Rui Barbosa como Técnico em C&T, no Setor de Arquivo Histórico e Institucional, desde abril de 2014, e fez os serviços internos, como protocolo e processo administrativo, até março de 2021. Desde novembro de 2017 os processos são elaborados de forma eletrônica. Dependendo do dia o movimento é alto ou baixo, mas em época de seleção e contratação de bolsistas a demanda fica bastante intensa.

3.4. A MEMÓRIA ALFANUMÉRICA

A descrição inicial de Asperger previu um desfecho positivo para muitos de seus pacientes que, com frequência, eram capazes de utilizar seus talentos especiais para obter emprego e ter vidas autossustentadas (KLIN, 2006).

O interesse pelos ônibus começou por volta dos onze anos de idade. Houve o acompanhamento das marcas e pinturas antigas das empresas de Niterói, em especial, mas sem o interesse de registrar nada, ainda. O registro apenas começou no ano de 1994 sobretudo quando os ônibus começaram a ser emplacados com placas contendo três letras e quatro números. Esse modelo de emplacamento começou em 1990, no Estado do Paraná, e findou em fevereiro de 2020, quando as placas passaram a conter quatro letras e três números. Esse é o modelo padronizado de placas que foi acordado em 2010 pelos países componentes do Bloco Mercosul onde se prometiam cooperações simplificadas para fiscalização dos veículos, mas, efetivamente, o Brasil apenas aplicou o atual modelo em 2018, sendo o Estado do Rio de Janeiro, o primeiro a implantá-lo.

O registro foi realizado durante passagens individuais pelas ruas através da memória eidética, ou seja, memória visual. Ao olhar a placa, ocorre a gravação instantânea das informações impressas na placa e na carroceria e, em seguida, a anotação era feita em casa. No início, os registros eram realizados em agendas e cadernos. Atualmente, embora o registro continue nos cadernos, há o registro de diversas tabelas no computador, por entender a necessidade da segurança digital e da economia de papel.

A partir do ano de 2003, o irmão do autor teve a ideia de registrar as placas de táxis da cidade de Niterói. Havia uma determinação da Prefeitura que os adesivos referentes aos números de autonomia dos taxistas e as placas precisavam ser estampados nas portas dos veículos. Não havia maldade nesses registros mas, em junho daquele ano, alguns taxistas, com ponto na Concha Acústica, abordaram os irmãos, sendo que o autor se sentiu encurralado e entrou no carro. O outro seguiu e foi capturado mais à frente. Depois, retornaram ao ponto e fizeram uma abordagem que foi entendida como “tortura psicológica”, ao ameaçarem acionar a polícia e perguntarem se os irmãos trabalhavam para motoristas de van, considerando que, na época, havia uma guerra entre vans, táxis e ônibus. Por sorte, havia um dos profissionais que os reconheceram e a situação foi contornada. A partir daquele momento a ideia de registrar táxis foi sepultada. Contudo, a escolha profissional se deu em função desse interesse específico e a facilidade de memorização e conservação de informações que contenham numeração alfanumérica.

Outra experiência foi o livro *O Estranho Caso do Cachorro Morto* com relação a um personagem que chegou a contar os números primos até 6000. Dessa forma, o autor teve o interesse mais estimulado e se desafiou a realizar o cálculo até o número 9999 para completar a lacuna de quatro algarismos. Foram cerca de duas horas para calcular tudo. Um aluno da Faculdade de Educação mencionou a função do Teorema de Fermat que incluía como fator de divisor os números 11, 13 e 17, o que filtrava bastante números primos. Essa informação ajudou a aprimorar a técnica. Números primos são aqueles que se dividem. O número 2 é o único primo par.

No ano de 2009 cresceu o interesse por anotar à mão as tabelas de todas as divisões do Campeonato Brasileiro, o que passou a realizar a partir desse momento, montando as tabelas de ano a ano. Durante o ano de 2012, houve a perda de um conjunto de tabelas durante o trajeto para a faculdade e houve a necessidade de refazer todo o processo. Para complementar a função da tabela, foram levantados dados sobre confrontos entre equipes de unidades federativas homogêneas e heterogêneas, além de pontuações referentes aos rankings elaborados desde a adoção do sistema de pontos corridos (Série A em 2003 e Série B, em 2006). Alguns anos depois, foram calculados os rankings para as Séries C e D. Toda a pesquisa foi realizada através dos sites Bola na Área e RSSSF Brasil (Brazil Rec Sport Soccer Statistics Foundation Brazil). Há o acompanhamento do futebol desde 1994, através da televisão e do rádio, e pelo computador e celular, atualmente.

Há a parte embrionária do futebol nacional em 1959, com diversos nomes até 1970, como Taça Brasil e Roberto Gomes Pedrosa, mas o interesse era mais intenso a partir do ano de 1971, que muitas pessoas ainda consideram como o Primeiro Campeonato Brasileiro. O autor considera importante esse levantamento de equipes que atuam em determinados estados ou cidades, independentemente de divisão, pois há o entendimento de que cada clube tem um histórico próprio nessa questão. Há um critério para que os registros sejam descritos nos arquivos do Retrospecto Geográfico.

A descrição se concretiza caso o registro geográfico alcance pelo menos três ocorrências em sequência, no mínimo, com coloração em verde quando o dado envolve a representação única da Unidade Federativa de uma equipe, azul, quando a competição encontra-se corrente, roxa, para casos de projeção de confrontos válidos pelas Séries C e D e preta, já com a temporada encerrada. Em menos de três registros, há apenas o símbolo de mando de campo ou visita com a sigla de cada Unidade Federativa com vermelho na fonte, que significa definitiva ou azul, quando a competição se encontra em andamento. Outros sites fazem levantamentos mais aprofundados, mas especificamente em uma divisão apenas, desconsiderando a possibilidade de os clubes se enfrentarem em divisões diferentes.

Os rankings têm o intuito de mostrar as evoluções ou involuções de uma equipe ao longo do tempo. São contabilizados os números de vitórias, empates e derrotas e calculadas as médias de pontos por temporada e aproveitamento de pontos. No primeiro caso divide-se os pontos originais pelo número de temporadas e no segundo, o número de pontos pela quantidade de jogos, multiplicando-a por três. A calculadora era uma companheira constante do autor, assim como a memorização. Era a principal ferramenta para concretizar as contas, feitas de forma bastante metódica, com base nos números do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) em três etapas: Multiplicação, Divisão e Subtração. O resultado visava a correspondência entre a numeração presente com nas placa dos ônibus de Niterói e São Gonçalo. Em seguida eram imaginados os trajetos ligados aos números anotados, correspondentes às linhas que seguem em ordem crescente. Atualmente, essa parte está suspensa devido às diversas ocupações.

As capacidades e talentos dos autistas são indiscutíveis e estão sempre ligados aos seus hiperfocos de estudo e trabalho. Considerar os interesses focalizados dos autistas é a porta de entrada para o processo de inclusão educacional desse público. Essa supermotivação para o aprender e fazer é habilitada a funcionar como balizador na avaliação da aprendizagem dos autistas em âmbito acadêmico. (SALLES, 2021).

3.5. FAMÍLIA E SOCIABILIDADE

O autor possui familiares vinculados à família paterna e materna. Com relação à família paterna, a interação é muito pequena, embora tenha aumentado após a idade adulta. Talvez, diante do fato de o autor fazer perguntas que não eram compreendidas ou bem aceitas, constatou-se certo constrangimento na abordagem de certos assuntos de natureza pessoal. O diálogo com o pai sempre foi pequeno, as saídas eram esporádicas, assim como os bens materiais.

O contato maior sempre foi com a família materna. A mãe do autor sempre esteve presente na vida do autor. A socialização dos irmãos gêmeos era mais ampla. Eles tinham interação com um padraсто de seu primo, que tinha um humor bem apurado e empatia muito boa com os irmãos. Ensinou-os a consumir água. Faleceu em janeiro de 2001 após um acidente no Estaleiro na cidade do Rio de Janeiro. Dez meses depois, morreria a tia que cuidou dos irmãos, de câncer. Era a tia mais próxima dos irmãos. Não se sabe a princípio se ela tinha ciência das condições especiais dos irmãos. Ela os chamava de “gato” e “rato” em inspiração de uma antiga série da década de 1980 denominada A Gata e o Rato.⁸

O autor apenas chegou a conhecer a avó materna, os demais já tinham falecido. Era uma avó bastante dócil e carinhosa. Ela teve um Acidente Vascular Cerebral no ano de 2012 e perdeu a batalha após 28 dias.

A interação dos irmãos com o primo aumentou, principalmente, depois da mudança deste para a cidade de Niterói. Por extensão, a relação com a tia também aumentou. Esta, foi uma das servidoras da Universidade Federal Fluminense e esse contato do autor se intensificou mais durante o tempo dos cursos de graduação. No início, essa tia dava atenção para o autor, criando-se uma afinidade considerável, muito próxima, mas, com o tempo, o contato diminuiu. Em certo momento, essa questão chegou a provocar uma instabilidade psicológica no autor por não saber como lidar com a sensação provocada por este afastamento o que foi resolvido com a orientação da mãe.

O relacionamento com o esposo de uma das tias é muito bom. O mesmo conversa bastante sobre vários assuntos e tem uma grande proximidade com o autor. Eventualmente, durante as festas familiares, há uma roda de conversa entre o autor e seus primos, mas nem sempre há a paciência para que o autor possa articular seu pensamento e expressá-lo. Nem todas as pessoas conseguem lidar com essa situação. Quando não recebem uma resposta imediata do autor, as mesmas se afastam. Uma prima mais nova era uma das poucas crianças com as quais os irmãos não se perturbavam com as ações e permitiam os manuseios nos materiais.

O autor também teve a possibilidade de realizar várias viagens com a sua mãe, como em 2013 para o município de Parati, no Estado do Rio de Janeiro, em 2016 para Maceió, 2017 para Fortaleza, 2018 para Belo Horizonte, 2019 para João Pessoa, além de viagens para a cidade de São Paulo. A viagem para Parati foi um passeio que começou numa sexta-feira, à noite e a chegada ocorreu à meia-noite de sábado. Houve o conhecimento, das ruas de paralelepípedo, das ilhas que a cidade possui, com direito a almoço com peixe frito no barco. O dia foi bastante proveitoso, apesar da não-oportunidade de visitar algumas cachoeiras. A volta ocorreu às 12 horas de domingo, com o retorno à residência às 18 horas.

Especificamente, nas viagens para a Região Nordeste, o autor e a sua mãe ficavam hospedados em um hotel durante uma semana, viajavam para alguns dos principais pontos turísticos dessas capitais e das cidades ao redor. As excursões eram financiadas antes dos passeios através de agências de viagem. No Ceará ocorreram passeios nas praias e nos calçadões de Fortaleza. Na Paraíba, houve a visita ao Museu do Jackson do Pandeiro, que contava com biografias de outros artistas na cidade de Campina

Grande. As pessoas, no Estado da Paraíba, eram bastante receptivas. Houve passagem também em Pernambuco, pois bastava passar de carro pela fronteira. Registrou-se visita ao Museu de Cordel.

No ano de 2018, houve a oportunidade de ir a Belo Horizonte, por conta de um Congresso em que o autor estava interessado em assistir. Foi acompanhado por sua mãe, viajando no sábado e voltando no domingo. As pessoas eram muito receptivas e o Congresso foi interessante por não tratar apenas de autismo infantil, havendo também a temática para adultos. O autor e sua mãe passaram no Mercado Municipal e compraram várias especiarias e artesanatos mineiros. Foi uma viagem inesquecível.

Uma cidade bastante visitada pelo autor é a de São Paulo. Foram cinco visitas ao todo e não pretendem cessar. O mesmo gosta das variedades de cultura, literatura e gastronomia que a cidade oferece além da possibilidade muito maior de coletar dados das placas e linhas de ônibus que operam na cidade, cuja malha rodoviária é bem maior e mais organizada que a do município do Rio de Janeiro. O autor pôde comprovar que a fama de antipático inserida por algumas pessoas do Rio de Janeiro como um rótulo no cidadão paulistano não procedia tanto.

O autor possui uma grande sensibilidade ao cortar o cabelo e as unhas. Essa peculiaridade dura até os dias de hoje. A sensibilidade ao barulho externo também o perturba bastante ao ponto de se criar a sensação de moer o cérebro por dentro. O autor tem um foco especialmente a ser pensado e dirigido no dia anterior. Caso não haja anotação ou que determinadas atividades não sejam prioritárias, a distração e o esquecimento predominam.

Sobre a questão dos relacionamentos no local de trabalho, o autor tem contatos mais frequentes com algumas pessoas lotadas no setor, com uma na Sala de Consulta, Museu e Arquivo-Museu, com as outras pessoas, o contato sempre foi mais formal. O ambiente é tranquilo para trabalhar e não há nada mais inspirador que frequentar o Jardim Histórico durante o horário de almoço. Ainda melhor com a possibilidade de tentar uma comunicação com os colegas.

Em julho de 2019, surgiu a oportunidade de fazer o Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, pela UFF. A Profa. Cristina Delou perguntou se o autor estaria interessado em fazer esse Mestrado. O desafio foi aceito. O autor preparou toda a documentação com a ajuda de uma colega de serviço e se candidatou pela cota de deficientes. Após as três etapas seletivas, conseguiu ingressar no CMPDI. Não tinha sido a primeira vez. Houve a primeira tentativa no ano de 2016, mas a insuficiência de documentação não permitiu que o candidato seguisse adiante.

Foi a segunda chance e dessa vez, o autor foi aprovado e conheceu as outras pessoas em outubro de 2019. A imensa maioria era formada por mulheres, em profissões dominantes como professoras, psicólogas, fonoaudiólogas e assistentes sociais, portanto, profissionais dedicadas a se especializarem no atendimento a pessoas com necessidades especiais. Havia apenas uma pessoa do sexo masculino, além do autor, mas ele não aparecia nas aulas. Houve a formação de um grupo de três mulheres que espontaneamente se aproximaram do autor para tentar a socialização e formar futuros grupos de trabalho. Efetivamente, essas mulheres sempre ofereciam apoio ao autor quando necessário, o que lhe provocava uma grande sensação de acolhimento. A cada semana, durante as quintas e sextas-feiras, em horário integral, essa união se fortalecia. Sempre havia a produção de trabalhos acadêmicos para apresentação à turma e os professores transmitiam as aulas da melhor forma.

Em fevereiro de 2020, algumas pessoas, inclusive o autor, fizeram uma imersão em um sítio localizado na cidade de Maricá, para uma disciplina optativa. A viagem ocorreu na quinta-feira e o regresso, no sábado. O grupo ficava isolado nesse imóvel, assistia às aulas e palestras e se confraternizavam, dessa forma também foi possível o conhecimento de outras pessoas. Também algumas professoras compareceram ao evento. Foi a última aula presencial pois, a partir de março de 2020, com a decretação da pandemia de COVID-19 pela Organização Mundial da Saúde, as aulas passaram a ser virtuais, o que dificultou essa socialização. Espera-se que, em algum dia, as aulas presenciais possam voltar e que a turma se reencontre.

Talvez algumas pessoas se perguntem sobre os motivos pelos quais os irmãos, apesar de estarem quase próximos à faixa dos 40 anos, nunca terem criado um vínculo de relacionamento amoroso. A questão não é muito complexa de se responder, mas especificamente serão relatadas as experiências do autor. No último ano do Ensino Médio o autor se interessou por uma colega de sala de seu irmão. Não teve muita conversa para desenvolver o vínculo e a mesma não quis iniciar a relação por alegação de ser mais nova que o mesmo.

No período de trabalho no Colégio particular o autor se interessou por uma das funcionárias, que era lotada na Secretaria. Não houve uma declaração direta, mas a moça recusou o seu convite para assistir a um filme, por sentir apenas amizade. O autor já tentou mapear mulheres através de aplicativos virtuais, que possuísem elementos em comum, mas a dificuldade é muito grande, pois algumas são muito imaturas ou fogem bastante do perfil traçado.

Atualmente, muitas pessoas procuram construir relações cada vez mais superficiais, através de beleza física, poderes econômico e político, significando dizer que as partes que fogem do padrão imposto,

seja por tipo de roupa, corpo e deficiência, simplesmente são ignoradas. Em certo momento, o autor chegou a se resignar em não ter uma companheira, devido à dificuldade de se iniciar uma conversa para sentir o interesse dela, gerando uma falta de perspectiva. Dessa forma, se não há uma aproximação por parte do autor, a mulher o ignora, seja por não saber lidar com a situação, seja pela mística criada na sociedade de que a obrigação de iniciar o contato é do homem.

É nesse contexto que se pode evocar as questões e saberes do cientista suíço Jean Piaget (1896-1980) que foi um biólogo muito influente na área da Educação. Toda a sua obra perpassa pela ideia central do sujeito epistêmico, pois todo conhecimento (re)construído e as situações experienciadas são resultantes de todas as interações que o homem estabelece com o meio circundante, onde pessoas, fatos e aprendizagens diretas ou indiretas redefinem o caminhar de cada um de nós, pois a interação social que se segue a cada momento de nossas vidas é um elemento definidor de nossas ações e de nossos comportamentos sociais” (FERNANDES, 2010).

Piaget (1959) realizou “pesquisas psicogenéticas sobre as origens e a estruturação progressiva do conhecimento” a fim de “investigar o papel da lógica e da linguagem.” (apud DELFRATE; SANTANA; MASSI, 2009). Para tanto, era preciso sair do egocentrismo infantil para a objetividade e para o pensamento lógico, estreitamente vinculado à linguagem socializada, cujos termos e conceitos são compartilhados por todos os membros do grupo (apud DELFRATE; SANTANA; MASSI, 2009).

Deste modo, percorrida a trajetória escolar num recorte adequado ao estudo, rompendo as barreiras possíveis, o Autismo ainda permanece um enigma para a ciência e a sociedade (FRAGA, 2010), e o autor deste estudo chegou ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão. Uma pessoa adulta que veio para deixar sua contribuição à ciência e que no futuro outros pesquisadores possam avaliar o processo de inclusão social em nosso País.

Verifica-se, também, que o autor deste estudo mostrou, com o seu Relato de Experiência, o contrário do que dizem à luz da Teoria da Mente, muitos articulistas neurotípicos, sobre o pensamento, emoções, estética e expectativas de relacionamento afetivos de pessoas autistas.

Muitos estudos demonstraram que uma grande quantidade destes indivíduos pode ter anormalidades no processamento cognitivo "Teoria da mente" (ToM), isto é, eles podem ter uma incapacidade de inferir os seus estados mentais e os de terceiros. Tal condição foi chamada de "cegueira mental" por Baron-Cohen (1995). (TONELLI, 2011)

Segundo Gallagher e Gallagher (2002), a pessoa com a Síndrome de Asperger, apresenta hiperlexia, cognição simples e memória avançada.

4. CONVERSA FINAL

O Relato de Experiência realizado neste estudo por uma pessoa que apresenta Dupla Excepcionalidade, característica do âmbito da Educação Especial relacionada às pessoas com altas habilidades ou superdotação e TEA, oferece material para reflexão e análise a respeito das potencialidades e competências de pessoas que, até recentemente, não possuíam visibilidade na sociedade, mas, rompendo barreiras acadêmicas e chegando aos níveis mais elevados do ensino como previsto na Constituição de 1988, o autor mostra que é possível.

Este estudo foi realizado por um mestrando, funcionário público federal, concursado e efetivo, que recebeu o diagnóstico de autismo aos dois anos de idade e o de Altas Habilidades ou Superdotação com síndrome de Asperger, aos 19 anos de idade. Nesta ocasião, a Síndrome de Asperger tinha sido descoberta, descrita dando ênfase nos aspectos positivos que os talentos podem exercer sobre o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Todavia, ainda não tinha passado pelo crivo do pensamento crítico dos protagonistas identificados com este perfil e a negação assumida por não quererem estar associados ao médico, Hans Asperger, colaborador do Nazismo no extermínio de todos os judeus da Europa (“os deficientes, doentes e os saudáveis, os ricos e os pobres, os religiosos ortodoxos, os convertidos ao cristianismo, os velhos e os jovens, até mesmo bebês”), como está documentado no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.⁹

Ainda não se tem a dimensão dos efeitos que as lembranças evocadas no Relato de Experiência podem causar no nível das emoções e subjetividades, assim como nos seus familiares e, principalmente, em seu irmão gêmeo. Fato é que um Relato de Experiência enriquece a percepção que se tem de si mesmo, obriga a quem se encontra no Espectro do Autismo a buscar o outro para obter informações sobre si mesmo, favorece as interações sociais e o interesse por se fazer conhecer.

O objetivo geral do estudo foi apresentar um relato de experiência narrativo, com formato acadêmico, científico, vivido por pessoa identificada com Dupla Excepcionalidade, Altas Habilidades e Síndrome de Asperger, em diferentes fases de sua trajetória. Segundo o estudo que foi publicado em 2002 por Shelagh Gallagher e James Gallagher, a pessoa com a Síndrome de Asperger, apresenta hiperlexia, cognição simples e memória avançada. Vislumbramos, neste Relato de Experiência, que o autor do estudo é um adulto autista, que interagiu com seu irmão gêmeo igualmente autista, brincou junto, cresceu junto, leu com compreensão junto, antes da vivência escolar, experimentou a escola junto e separado do irmão gêmeo, desenvolveu a sua personalidade e a sua identidade, apresentou senso crítico com as características autistas, o que não nos cabe julgar, uma vez que sua percepção é

pautada, exclusivamente, em suas experiências de vida. Se o senso crítico é agudo, com vocabulário típico da Síndrome de Asperger, em relação ao preconceito e as rejeições vividas, por que censurá-lo? Corrigi-lo para a adequação à norma culta da língua? Toda correção mascara a natureza do ser humano e, neste caso, o que se buscou foi conhecer sua vivência, por meio do Relato de Experiência narrativo, autobiográfico, acabou-se encontrando uma pessoa identificada com Dupla Excepcionalidade, Altas Habilidades e Síndrome de Asperger, na juventude, reproduzindo seu pensamento, reflexões críticas e talentos específicos.

Dos objetivos específicos do estudo, o primeiro foi mitigar as impressões negativistas decorrentes do desconhecimento sobre Dupla Excepcionalidade e o autor foi capaz de relatar fatos que aconteceram com ele desde a infância mais remota e a adolescência, buscando fatos, memórias familiares e escolares em sequência cronológica, apresentando juízo de valor, julgamento moral com olhar e subjetividade valorados por sua condição de pessoa autista. Nem menor ou pior, apenas diferente.

O segundo objetivo específico foi clarificar conceitos acadêmicos e legais sobre Altas Habilidades ou Superdotação, Transtorno do Espectro Autista e Síndrome de Asperger. O autor conseguiu apresentar, brevemente, tanto o conceito científico original de Dupla Excepcionalidade, e sua origem, quanto aos conceitos de TEA e Altas habilidades ou Superdotação, a importância da Lei 12.764, nomeada como Berenice Piana, que reconheceu o Transtorno do Espectro Autista como deficiência, a Lei 13.146, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência e a Lei 13.977, (BRASIL, 2020a) conhecida como Romeo Mion, que instituiu a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea) promoveram grande avanço nos direitos sociais das pessoas com TEA.

O terceiro objetivo foi divulgar questões básicas relacionadas à Dupla Excepcionalidade de um homem com TEA associado às Altas Habilidades ou Superdotação desde a sua infância, adolescência, juventude, idade adulta, família e sociabilidade. Para este fim, a dissertação veio acompanhada de um E-book.

Os resultados e a discussão do estudo reuniram em cinco seções narrativas, Infância, Adolescência, A Vida Adulta, A Memória Alfanumérica, o Relato de Experiência rico em detalhes, lembranças e perplexidades.

O diálogo com os autores mostrou como os estudos ainda estão voltados, predominantemente, para a infância das crianças autistas. E crianças crescem. A adolescência chega. A vida adulta, também. Vários médicos abordam o Autismo como uma das questões a ser discutida, no que se refere a

tratamentos e estudos, através de palestras e seminários, que arrefeceram devido à pandemia, porém, quase em sua totalidade foram dirigidas sobre as crianças.

A impressão dada foi de que algumas pessoas imaginam que o Transtorno do Espectro Autista dura até os 18 anos e desaparece logo que essa pessoa alcança a maioridade. Existem pouquíssimos médicos especializados em tratar do autista adulto, como psicanalistas, psiquiatras e neurologistas, e essa discussão é muito importante para se ampliar esse atendimento.

Enfim, o autor respondeu aos propósitos do estudo, refletiu como um aluno com síndrome de Asperger com Altas Habilidades ou Superdotação, conseguiu superar as barreiras impostas pelo Autismo recebendo o apoio da família, tendo garantido o acesso aos níveis mais elevados do ensino na educação superior e tendo sido aprovado em concurso para funcionário público federal por meio de políticas públicas de inclusão.

O material proposto na dissertação possui potencial para despertar a curiosidade do leitor sobre a Superdotação e o Autismo, provocando reflexão sobre o tema. Estudos sobre este tema possuem um papel importante para que, cada vez mais, as pessoas se preparem para lidar com indivíduos que possuem Superdotação e Transtorno do Espectro Autista. Através de novos estudos e suas publicações, a possibilidade de evolução no tratamento de pessoas com essas características aumenta consideravelmente.

5. REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. Superdotados: determinantes, educação e ajustamento. São Paulo: EPU. 2001.

ALMEIDA, MSR. A Expressão da Sexualidade das Pessoas com Autismo. Psicologia.pt. 2017. Disponível no site https://www.psicologia.pt/artigos/ver_opinio.php?a-expressao-da-sexualidade-das-pessoas-com-autismo-transtorno-do-espectro-autistico-tea&codigo=AOP0425&area=D11B. Acesso em 07 nov. 2021.

ALMEIDA, Lucia da Cruz de; COSTA, Isa; MORATO, Maria Camila; SANTOS, Renato Cardoso; SILVA, Adriano Ferreira da; SILVA, Jaqueline Michele da. Situações-Problema a partir de Tiras de Humor. Apostila Fundamentos. Instituto de Física, UFF. Nov. 2003. Disponível em: http://www.propostasensinodefisica.net/1_THs/Apostila_Fundamentos.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

ANTIPOFF, Cecília Andrade; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Superdotação e seus mitos. Psicologia Escolar e Educacional, v. 14, p. 301-309, 2010.

AUTISMO EM DIA. Autismo no mercado de trabalho: desafios e oportunidades. 2020. Disponível em: <https://www.autismoemdia.com.br/blog/autismo-no-mercado-de-trabalho-desafios-e-oportunidades/>. Acesso em: 01 nov. 2021

BAGAROLLO, Maria Fernanda; PANHOCA, Ivone. História de vida de adolescentes autistas: contribuições para a Fonoaudiologia e a Pediatria. Revista Paulista de Pediatria, v. 29, n. 1, p. 100-107, 2011.

BARBERINI, Karize Younes. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv., São Paulo, v. 16, n. 1, p. 46-55, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2021.

BATISTA, Leila Santos; GONÇALVES, Bárbara; ANDRADE, Márcia Siqueira de. Avaliação psicopedagógica de criança com alterações no desenvolvimento: relato de experiência. Revista Psicopedagogia, vol.32 no.99, 2015.

BAUER, Stephen. Síndrome de Asperger - Ao longo da vida. 2009. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2011/04/sindrome-de-asperger-ao-longo-da-vida.pdf>. Acessos em: 10 set. 2021.

BAUM, S. M., SCHADER, R. M., & HÉBERT, T. P. Through a different lens: Reflecting on a strengths based, talent-focused approach for twice-exceptional learners. Gifted Child Quarterly, v. 58, p. 311–327, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0016986214547632>. Acesso em: 07 set. 2021.

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo; BENINI, W. Castanha. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. Cadernos PDE, Paraná, v. 1, 2016.

BRASIL. Presidência Da República. Casa Civil. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Publicada no Diário Oficial da União de 23 de dezembro de

1996. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 ago 2021.

BRASIL. Conselho Nacional De Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40. Disponível no site <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 20 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. INCLUSÃO. REVISTA DE Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, V. 4. N. 1. 2008. Disponível no site <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/revinclusao5.pdf>. Acesso 20 ago. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional De Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 4/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17. Disponível no site http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em 20 ago. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.370, de 12 de dezembro de 2016. Altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, para estender o direito a horário especial ao servidor público federal que tenha cônjuge, filho ou dependente com deficiência de qualquer natureza e para revogar a exigência de compensação de horário. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Lei nº 13.861, de 18 de julho de 2019. Altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, para incluir as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2019.

BRASIL. Lei nº 13.977, de 08 de janeiro de 2020. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2020a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderneta da Criança (Menino) Passaporte da Cidadania. 2ª Edição. DF: Brasília, 2020b.

BRAZÃO, José Carlos Chaves. A Implicação do Afeto na Psicologia do Desenvolvimento: uma Perspectiva Contemporânea. Psicologia Ciência e Profissão. v. 35, n. 2, 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ddd4569QPZHTVsTD6B5RTrM/?lang=pt>. Acesso em 08 set. 2021.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes et al. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 417-423, 2021. CAMARGO, Sígla Pimentel Höher et al. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. *Educação em Revista*, v. 36, 2020. Disponível no site <https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/abstract/?lang=pt>. Acesso 01 nov. 2021. CAMPOS, Caroline de Carvalho Pereira de; SILVA, Fernanda Caroline Pinto da; CIASCA, Sylvia Maria. Expectativa de profissionais da saúde e de psicopedagogos sobre aprendizagem e inclusão escolar de indivíduos com transtorno do espectro autista. *Revista Psicopedagogia*, v. 35, n. 106, p. 3-13, 2018.

COUTINHO, João Victor Soares Coriolano; DO VALE BOSSO, Rosa Maria. Gêmeos dizigóticos concordantes para autismo: relato de caso. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*, v. 20, n. 2, 2016.

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Wak Editora, Digitaliza Conteúdo, 2020. DALPRÁ, Nilton Eliseu Herbes Liane Rossales. Crianças com autismo, família e espiritualidade. *REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 10, n. 15, p. 127-148, 2016. DALTRO, Mônica Ramos; DE FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 set. 2021.

DE CARVALHO MANSUR, Odila Maria Ferreira et al. Sinais de alerta para transtorno do espectro do autismo em crianças de 0 a 3 anos. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos*, v. 12, n. 3, 2017.

DELFRATE, Christiane de Bastos; SANTANA, Ana Paula de Oliveira; MASSI, Giselle de Athaíde. A aquisição de linguagem na criança com Autismo: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, v. 14, p. 321-331, 2009.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. Educação do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação: Legislação e Políticas Educacionais para a Inclusão. In: FLEITH, Denise de Souza (org.) A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores/ organização. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

DELOU, Cristina Maria Carvalho.. Transtorno de Asperger com Altas Habilidades/Superdotação: a dupla excepcionalidade no ensino superior. In: Denise de Souza Fleith; Eunice Maria Lima Soriano de Alencar. (Org.). Superdotados - Trajetórias de Desenvolvimento e Realizações. 1ªed.Curitiba, PR: Juruá Editora, 2013, v. 01, p. 97-107.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. O Funcionamento do Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (PAAAH/SD-RJ). *Revista Educação Especial*, v. 27, p. 675-688, 2014.

DELOU, Cristina Maria Carvalho, Dupla Excepcionalidade – Altas Habilidades e Autismo. Videoconferência. 2º Congresso & Encontro Internacional Sobre o Transtorno do Espectro do Autismo. Rio de Janeiro, Anais ... 2021.

DEWINTER, Jeroen et al. Autism and normative sexual development: A narrative review. *Journal of Clinical Nursing*, v. 22, n. 23-24, p. 3467-3483, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jocn.12397>. Acesso em: 01 nov. 2021.

DICIONÁRIO MÉDICO DE SEGEN. "Twice Exceptional". Recuperado em 22 de agosto de 2021 de <https://medical-dictionary.thefreedictionary.com/twice+exceptional>. Acesso em: 01 nov. 2021.

DSM-IV. American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-IV-TR. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

DSM-V. American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-IV-TR. Porto Alegre: ARTMED, 2013.

FALCÃO, Carla Samya Nogueira; STELKO-PEREIRA, Ana Carina; ALVES, Dayse Lôrrane Gonçalves. Envolvimento de alunos com TEA em situações de bullying de acordo com múltiplos informantes. *Educação e Pesquisa*, v. 47, p. 1-20, 2021. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147217359>

FARIA, Larissa Cristiane Murta; SANTOS, Ana Claudia Fernandes; VIEIRA, Kássia Héllen. Avaliação dos hábitos alimentares de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA): um estudo de caso. *Bionorte*, v. 10, n. 2, p. 149-154, 2021.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. *Psicologia USP*, v. 31, p. 1-10, 2020.

FERNANDES, Elisângela. O sujeito epistêmico de Piaget. *Nova Escola*, Edição 238, e12, 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1922/o-sujeito-epistemico-de-piaget> Acesso em: 8 dez. 2021.

FERNANDES, Fátima Rodrigues. O que dizem os estudos científicos já realizados sobre a relação entre irmãos gêmeos e autismo? *Autismo e Realidade*. Fundação José Luiz Egydio Setúbal. 2020. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2020/06/29/gemeos-tem-necessariamente-o-mesmo-diagnostico-de-autismo/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FERRARO, Alceu Ravanello; ROSS, Steven Dutt. Diagnóstico da escolarização no Brasil na perspectiva da escolar. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22 (71), p. 1-26, 2017. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227164>

FRAGA, Isabela. Autismo: Ainda um enigma. *Ciência Hoje*, v. 45, n. 270, p. 20-25, 2010. G1. Brasil tem 342 mortes por Covid-19 em 24 horas; média móvel fica abaixo de 600 pela 1ª vez em nove meses. *Coluna Bem-estar. Coronavírus*. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/09/07/brasil-tem-342-mortes-por-covid-19-em-24-horas-media-movel-fica-abaixo-de-600-pela-1a-vez-em-nove-meses.ghtml>. Acesso em: 09 set. 2021.

GAGNÉ, F. Giftedness and talent: Reexamining a reexamination of the definitions. *Gifted Child Quarterly*, v. 29, p. 103-112, 1985.

GALLAGHER, Shelagh A.; GALLAGHER, James J. Giftedness and Asperger's syndrome: A new agenda for education. *Understanding our gifted*, v. 14, n. 2, p. 7-12, 2002.

GAMA, Maria Clara Sodré Salgado. As teorias de Gardner e de Sternberg na Educação de Superdotados. *Revista Educação Especial*, v. 27, n. 50, p. 665-673, 2014. GARDNER, H. *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*. New York: Basic Books, 1983.

GIERCZYK, Marcin; HORNBLY, Garry. Twice-Exceptional Students: Review of Implications for Special and Inclusive Education. *Education Sciences*, v. 11, n. 2, p. 85, 2021.

GIFTED KIDS. Blog Gifted Kids. 2021. Disponível em: <https://www.giftedkids.ie/dual.html>. Acesso em: 07/09/2021.

GOMES, Leticia Ellen Florencio. SCATOLIN, Henrique Guilherme. Autismo e os desafios no mercado de trabalho. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 03, v. 09, pp. 153-168. 2020. Disponível em:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologiaautismo-e-os-desafios>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GRANDIN, Temple; SCARIANO, Margaret. Uma menina estranha: autobiografia de uma autista. Companhia das Letras, 1999.

INSTITUTO NEUROSABER. Ansiedade no autismo — como lidar? 2020a. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/ansiedade-no-autismo-como-lidar/>. Acesso em 10 set. 2021.

INSTITUTO NEUROSABER. O que é Transtorno do processamento sensorial no TEA? 2020b. Disponível no site <https://institutoneurosaber.com.br/o-que-e-transtorno-do-processamento-sensorial-no-tea/>. Acesso em 10 set. 2021.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Acta paedopsychiatrica*, v. 35, n. 4, p. 100-136, 1968. KLIN, A. Uma nova forma para diagnosticar o autismo. TED. 2012. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/ami_klin_a_new_way_to_diagnose_autism/upnext?language=pt-br. Acesso em: 15 set. 2021. KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 28, p. 3-11, 2006.

KLIN, Ami. Eye-tracking no apoio diagnóstico do Autismo. Live apresentada por Lucelmo Lacerda. 19 jul. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_oYTxvqJLvg. Acesso em: 09 set. 2021. LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas em Psicologia*, vol. 20 no. 2 2012 http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2012000200006. Acesso em 09 set. 2021.

LEONARD, Jayne; SHARON, Aline; KLEIN, Alex. Everything you need to know about autism in adults. *Medical News Today*. Atualizado em 14 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.medicalnewstoday.com/articles/326841>. Acesso em: 18 ago. 2021.

LIMA, N. R. W.; PAIXAO, I. C. N. P. Vivendo A Nossa Vigésima Primeira Pandemia E As Outras Doenças Transmissíveis. 1. ed. Piracanjuba: Editora Conhecimento Livre, 2021. v. 1. 310p.

LIMA, N. R. W.; REZENDE, Carlos Eduardo. SARS-CoV-2. *Revista de Ciência Elementar*, v. 8, p. 1-12, 2020.

MAIA, Fernanda Alves et al. Transtorno do espectro do autismo e idade dos genitores: estudo de caso-controle no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, 2018.

MOTA, Ana Carolina Wolff; VIEIRA, Mauro Luis; NUERNBERG, Adriano Henrique. Programas de intervenções comportamentais e de desenvolvimento intensivas precoces para crianças com TEA: uma revisão de literatura. *Revista Educação Especial*, v. 33, p. 12-1-27, 2020.

MMHEUA. Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. “Vítimas do Período Nazista: Ideologia Racial Nazista. O Holocausto” *Enciclopédia do Holocausto*.

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/introduction-to-the-holocaust>. Acesso em: 20 nov. 2021.

NAGC. National Association for Gifted Children. Twice-Exceptional Students. Disponível em: <https://www.nagc.org/resources-publications/resourcesparents/twice-exceptional-students>. Acesso em: 07 set. 2021.

NASCIMENTO, Gisele Soares Rodrigues. Método De Alfabetização Para Alunos Autistas (MAPA): Alternativa Da Clínica-Escola Do Autista. [Dissertação de Mestrado]. Niterói: Universidade Federal Fluminense.

OLIVATI, Ana Gabriela; LEITE, Lucia Pereira. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, p. 729-746, 2019.

ORRÚ, Silvia Ester. Alunos com Síndrome de Asperger: o intérprete de enunciados e o acesso à educação superior. *Educação em Perspectiva*, v. 9, n. 3, p. 668-693, 2018.

OTTONI, Ana Carla Vieira; MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 1265-1283, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12575>. Acesso em: 31 out. 2021.

PEREIRA, Marília Luiz; BORDINI, Daniela; MARCELO. Relatos de mães de crianças com transtorno do espectro autista em uma abordagem grupal. *Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvol.*, v. 17, n. 2, p. 56-64, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072017000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2021.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, 2016.

PFEIFFER, Steven I. Gifted students with a coexisting disability: The twice exceptional. *Estudos de Psicologia*, v. 32, p. 717-727, 2015.

PRIOR, Susan. Transition and students with twice exceptionality. *Australasian journal of special education*, v. 37, n. 1, p. 19-27, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RAFOLS, Carolina. Temple Grandin fala em entrevista exclusiva para a Revista Autismo. Revista Autismo. Ed. 3. 2012.

RATUCHNE, Paloma Aparecida Oliveira; BARBY, Ana Aparecida de Oliveira Machado. Revisando Estudos Sobre A Aprendizagem Da Linguagem Escrita Em Estudantes Com Transtorno Do Espectro Do Autismo. Teoria e Prática da Educação, v. 24, n. 2, p. 86-104, 2021.

RENZULLI, J.S. What Makes Giftedness? Reexamining a Definition. Phi Delta Kappan, v. 60, n. 3, p. 180-184, 1978.

RENZULLI, J.S., & REIS, S.M. The schoolwide enrichment model: A comprehensive plan for educational excellence. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press. 1985.

RENZULLI, J.S. Schools for talent development: A practical plan for total school improvement. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press. 1994.

SALES, Jefferson Falcão. Avaliação da aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo no Ensino Superior: estudo de caso na Universidade Federal do Ceará. Orientadora: Tânia Vicente Viana. 2021. 133 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/58078/1/2021_tese_jfsales.pdf. Aces-so em: 07 nov. 2021.

SANCHES, Thayse Tayanne Bastos; DA SILVA TAVEIRA, Leonardo. Autismo: uma revisão bibliográfica. Caderno Intersaberes, v. 9, n. 18, 2020. Disponível em:

<https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1356>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SCHMIDT, C.; KUBASKI, C. Linguagem e síndrome de Asperger: compreendendo a fala de um adolescente com base nas teorias da mente e da coerência central. 2002.

SCHMIDT, Carlo. Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 18, p. 179-194, 2012

SILVA, Solange Cristina; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; KASZUBOWSKI, Erikson; NUERNBERG, Adriano Henrique. Estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: analisando dados do INEP. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, 2020.

SOPHIA. Novos Pensadores da Educação V - Cesar Coll. 2013. Disponível em <http://letrasofia.blogspot.com/2013/02/novos-pensadores-da-educacao-v-cesar.html>. Acesso em 20 ago. 2021.

TEIXEIRA, Ricardo Antonio Gonçalves. Educação do anormal a partir dos testes de inteligência. Revista História da Educação. v. 23: e90024, 2019. TONELLI, Hélio. Autismo, teoria da mente e o papel da cegueira mental na compreensão de transtornos psiquiátricos. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 24, p. 126-134, 2011.

TISMOO. Asperger: o que é e como detectar. TISMOO Biotecnologia. Aug. 2, 2016. Disponível em: <https://medium.com/tismoo-biotecnologia/asperger-o-que-%C3%A9-e-como-detectar-941ce437ff24> Acesso em: 01 nov. 2021. UNESCO. DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a

UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 2010 UNESCO. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109_590_por. Acesso em: 20 ago. 2021.

UNESCO. Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: UNESCO; 1994. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394?posInSet=1&queryId=67b71703-c63e-4cf9-8a71-f92ef9e80c0a>. Acesso em: 08 set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. UFF. Programa de Atendimento aos Alunos com Altas habilidades/Superdotação (PAAAH/SD). Universidade Federal Fluminense. 2021. Disponível em: <https://paaahsd.uff.br/>. Acesso em: 08 set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. UFF. 2º Congresso & Encontro Internacional sobre o Transtorno do Espectro do Autismo. 2021. Disponível em: <https://doity.com.br/2-congresso-internacional-sobre-o-transtorno-do-espectro-autista-atualizacao-clinica-e-c-65853-2021021>. Acesso em: 19 ago 2021.

VEJA SAÚDE. OMS decreta pandemia do novo coronavírus. Publicado em 11 mar 2020. Disponível em <https://saude.abril.com.br/medicina/oms-decreta-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/>. Acesso em: 09 set. 2021.

NOTAS

Nota 1

O autor do estudo não utiliza os pronomes retos na primeira pessoa do singular como característica linguística de seu nível de autismo.

Nota 2

A nomeação “Síndrome de Asperger” foi atribuída às descobertas do Dr. Hans Asperger. Entretanto, ele esteve fortemente envolvido no período do Regime Nazista (1934 - 1945) e teria enviado, pelo menos, duas crianças com deficiência para a Clínica AM Spiegelgrund, infantil, que se localizava em Viena, sabendo que elas seriam utilizadas em experiências cruéis e provavelmente podendo sofrer eutanásia, contribuindo, assim, com o programa eugenista nazista. Dados históricos comprovam que o Dr. Asperger ordenou que se praticasse a eutanásia em 37 crianças que receberam o diagnóstico com uma variante específica, de um tipo mais brando, dentro do espectro Autista. Por essas razões, política e de direitos humanos, a nomeação desta síndrome que está dentro do espectro autista é questionável.

Nota 3

O autor é autista e não utiliza os pronomes pessoais de acordo com a norma culta de língua portuguesa.

Nota 4

A NACG utiliza os termos “gifted and talent”. Talent refere-se às habilidades específicas, observadas nas melhores práticas realizadas pelos alunos com Dupla Excepcionalidade, identificadas em áreas de domínios variados, baseadas nos pontos fortes dentro e fora da sala de aula (BAUM, SCHADER, & HÉBERT, 2014, apud. NACG, 2019).

Nota 5

O autor não utiliza o pronome reto na terceira pessoa do singular como característica linguística de seu nível de autismo.

Nota 6

Perseguições não tem sentido acusatório e, sim, de percepção subjetiva.

Nota 7

Retenção do testículo na cavidade abdominal.

Nota 8

Com o título original de Moonlighting essa foi uma série de televisão norte-americana de muito sucesso que foi transmitida pela emissora de televisão ABC entre 1985 e 1989, cumprindo um total de 67 episódios. Foi protagonizada pelos atores americanos Bruce Willis e Cybill Shepherd. Eles interpretaram uma dupla de detetives privados. O seriado reunia comédia, drama e romance, foi dirigido por Robert Butler e roteirizado por Glenn Gordon Caron.

Nota 9

MMHEUA. Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. “Vítimas do Período Nazista: Ideologia Racial Nazista. O Holocausto” Enciclopédia do Holocausto.

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/introduction-to-the-holocaust> . Acesso em: 20 nov. 2021.